

AFFONSO ÁVILA

ANTÔNIO SÉRGIO BUENO

organizador

1

ENCONTRO
COM ESCRITORES
MINEIROS

IS

9.141

3. Yb-a

3

13869.141

AGS. 76-a

1993

AFFONSO ÁVILA

Invl/02/03

104/06

ANTÔNIO SÉRGIO BUENO

ORGANIZADOR

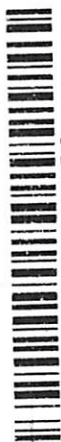
1

ENCANTRO
COM ESCRITORES
MINEIROS

1993



U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



0135949606

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

© 1993, AFFONSO ÁVILA
ANTÔNIO SÉRGIO BUENO

COLEÇÃO ENCONTRO COM ESCRITORES MINEIROS/1
Coordenador: WANDER MELO MIRANDA

Projeto Gráfico/Capa: Beatriz Amaral
Foto Capa: Eugênio Gurgel
Impressão: Segrac

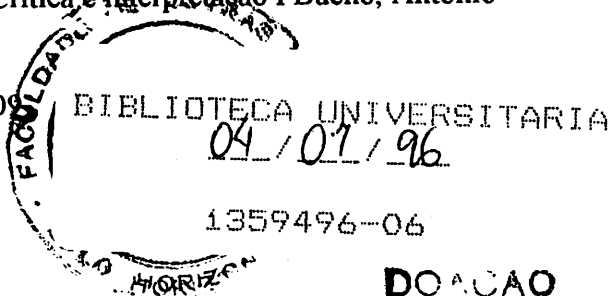
A958a Affonso Ávila / Antônio Sérgio Bueno Organizador.
— Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários, 1993.

114 p. - (Encontro com Escritores Mineiros; 1)
- 10 p. caderno iconográfico

1. Ávila, Affonso - Crítica e interpretação I Bueno, Antônio
Sérgio II Série.

CDU.869.0(81) - 3.09

SM-8299-7



DOAÇÃO
Faculdade de Letras da UFMG / UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 - CEP 31.270-910
Belo Horizonte - MG - Brasil

SUMÁRIO

PAIXÃO PASSADA A LIMPO Antônio Sérgio Bueno	7
DEPOIMENTO Affonso Ávila	17
CRONOLOGIA	51
BIBLIOGRAFIA DE AFFONSO ÁVILA	63
BIBLIOGRAFIA SOBRE AFFONSO ÁVILA	75
AFFONSO ÁVILA E A CRÍTICA	93

Affonso Ávila (1990 - foto - Evandro Santiago)



PAIXÃO PASSADA A LIMPO

ANTÔNIO SÉRGIO BUENO

Para Marrege, Otávio e Adriano, em bem-querer ouropretano.

"em cada esconso me affonso"
(Casa dos Contos)

Para Haroldo de Campos, "Affonso Ávila, que estreou em 1953 com a coletânea *O Açude e Sonetos da Descoberta* e reconfirmou vigorosamente sua vocação com *Carta do Solo* (1961), é hoje, no seu sereno e lúcido recolhimento mineiro, um dos poetas mais importantes de minha geração. É também um arguto crítico de poesia e um reconhecido especialista no Barroco, a quem devemos uma contribuição fundamental para a revalorização estética desse período marcante de nossa cultura".

As duas dimensões do escritor Affonso Ávila, apontadas por Haroldo — o poeta e o crítico — estão integradas de maneira tão absoluta em seus ensaios e poemas que apenas para efeito de exposição com pretensões didáticas é possível separá-las. Ambas harmonizam com extraordinário talento a *criatividade* e o *rigor da consciência crítica*, temperados por inequívoca vocação de *radicalidade*. Além do mais, é impossível saber onde termina sua

terrível *coragem moral* (porque não terminou e parece que não vai terminar nunca) e começa a *coragem artística*, a rebeldia criadora, a ousadia de experimentar as possibilidades da língua com uma espécie de "paixão medida".

O próprio Affonso nos informa que o interesse pelo Barroco se lhe impôs quando começou a trabalhar no livro de poemas *Código de Minas* (1963-1967). Esse livro surge das mesmas fontes que possibilitaram os dois volumes dos *Resíduos seiscentistas em Minas* (1967): uma pesquisa profunda da História das Minas Gerais. Nessa pesquisa, Affonso percebe analogias significativas entre o homem barroco e o do século XX, entre a linguagem barroca e a contemporânea: a mesma postura de obra aberta, o primado do elemento visual, o jogo como exercício libertador do jugo, uma forma de rebelião do artista. Antes, a ópera. Hoje, a arte cinética. Antes, apenas a interpenetração dos gêneros artísticos. Agora, a "migração das mídias". Gôngora e Joyce. Vieira e o Nouveau Roman. Antônio Francisco Lisboa e Niemeyer. Capela do Padre Faria de Ouro Preto e a Pampulha de Belo Horizonte.

As pesquisas sobre o Barroco deram à luz outro livro fundamental para qualquer estudioso da matéria: *O Lúdico e as projeções do mundo barroco*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1971. A primeira parte desse livro compõe-se de sete ensaios sobre a função do elemento lúdico na Arte, especialmente na Literatura, percorrendo uma bibliografia que vai do clássico Huizinga a Umberto Eco. Chamo a atenção especial para a excelência dos ensaios sobre Vieira e Gregório de Matos. A segunda e terceira partes retomam textos do Barroco literário em Minas, aprofundando sua compreensão.

É preciso ressaltar ainda o gigantesco esforço de Affonso Ávila como diretor da revista *Barroco*, cujo padrão de qualidade intelectual é reconhecido e admirado dentro e fora do país. A revista, publicada anualmente, aborda o Barroco e temas correlatos dentro de uma linha ensaística sintonizada com a atualidade crítica. Para se ter uma idéia do alcance dessa publicação, basta arrolar alguns nomes nacionais e estrangeiros que nela colaboraram. Entre os primeiros destaco o próprio Affonso Ávila, Francisco Iglésias, Benedito Nunes, Silviano Santiago, Fernando Correia Dias, Myriam Ribeiro de Oliveira, Heitor Martins e outros. Entre os estrangeiros

cito Germain Bazin, Francisco Curt Lange, Susanna N. Peters, Cesáreo Bandeira, Nancy Davenport, Gerald M. Moser entre outros.

Na área da crítica, Affonso publicou também *O Poeta e a Consciência Crítica* (Vozes, 1969), conjunto de ensaios agrupados sob dois subtítulos: uma linha de tradição e uma atitude de vanguarda. Ávila sempre soube pinçar na tradição os signos do mais agudo sentido de modernidade. Nesse livro o ensaísta dialoga com diversas forças vivas da cultura ocidental no passado e no presente. Abre, a partir de antigos enunciados, a possibilidade da emergência das formas vanguardistas de expressão. Este é seu modo de entender a tradição, é sua forma de viver a vanguarda. De Timóteo de Mileto a James Joyce, os insurgentes inventam as possibilidades das línguas como instrumento do pensamento criador. E aqui já estamos no terreno da Poesia. Em Affonso Ávila dá-se a confluência total entre o poeta de vanguarda e o conhecedor do Barroco.

A formação de um grande poeta é lenta, dura a vida inteira. Relendo agora o conjunto da poesia de Affonso, vejo que ela traz embutido um projeto perfeitamente articulado. Suas influências, tão orgulhosamente assumidas e proclamadas por ele próprio, plasmaram-se em uma linguagem que não se confunde com nenhuma outra. Esse projeto pode ser resumido nas seguintes linhas gerais:

- constante experimentação lingüística;
- equilíbrio entre os traços individuais, locais e universais;
- busca incessante da exatidão;
- sintonia perfeita entre o empenho ideológico e a contundência da linguagem;
- crescente atrevimento no tratamento da questão do erotismo;
- a ampliação gradativa do espaço do Humor;
- harmonização criativa entre as dimensões temporais e espaciais, entre os elementos musicais e plásticos da linguagem.

Encontra-se em um dos seus poemas mais antigos — "Amanhã" — talvez o primeiro recurso visual capaz de apontar para uma vertente formal que só se aprimoraria nos textos futuros: o gesto verbal fisiognômico.

*Por sobre o mar
estende a cobra
seu corpo em S.*

Outro poema de seu primeiro livro — *O Açude* (1949-1953) — chamou-me a atenção por demonstrar claramente outra constante de sua poesia: a relação dialética entre o interesse pela paisagem do mundo e a fidelidade a sua paisagem íntima. Trata-se de "Ao longo do Rio Chongchon", de que recorto a belíssima última estrofe:

*Leio a mensagem flâmea que se escreve
ao longo do rio Chongchon
então meus olhos fogem
e cada vez mais eu me adentro.*

Ítalo Calvino, ao exaltar a virtude da exatidão, parece às vezes estar falando da poesia de Affonso na sua condição de antídoto contra o raquitismo verbal que o autor italiano denuncia como epidemia pestilenta a assolar o uso da linguagem através de fórmulas genéricas, diluidoras de significados. Acrescenta ele que as "imagens" também foram atingidas por essa peste porque "são destituídas da NECESSIDADE INTERNA que deveria caracterizar toda imagem". (grifo meu)

Justamente por nunca fazer concessões de qualquer natureza, de ser absolutamente fiel a essa "necessidade interna", que a poesia de Affonso alcança tamanha eficácia e produz um impacto tão forte. Esta exatidão é amiga da *pluralidade*, mas inimiga radical do *hibridismo*. Há um texto exemplar em *Carta do Solo* (1957-1960) para ilustrar essas afirmativas, terrível sátira ao comportamento ambíguo e indefinido, ou seja, o poema "Os Híbridos" (ver transcrição no depoimento de Affonso Ávila neste livro).

Esse poema marca o salto para uma poesia mais visual, mais sintética, mais contundente e antecipa o pleno domínio de linguagem que será ostentado em todo o *Código de Minas* (1963-1967). Satirizando o comportamento híbrido, o texto se abre pelo menos a três direções de leitura:

- a) a percepção globalizante de todos os versos;
- b) a seleção apenas dos versos em letras maiúsculas;
- c) a articulação apenas dos versos que se seguem aos travessões.

O poema resolve magistralmente a questão colocada por Ezra Pound nos seguintes termos: "De uma perspectiva empírica, o verso tem usualmente um elemento fixo e um elemento variável; qual dos elementos deve ser fixo e qual deve ser variável, e até que ponto, é o problema do autor". E também atinge o equilíbrio perfeito entre o compromisso ideológico e o rigor formal.

O modelo operacional construtivista de sua poesia infiltra-se olhos e ouvidos adentro: som e escrita parcial e lentamente modificados. Formas recorrentes e emergentes dinamizam essa "tensão para a exatidão". Nesse modelo transformacional está, sem dúvida, a inspiração dos textos informatizados de hoje. As palavras já se inquietam na moldura da página, quase saltam do papel:

façamos a revolução
antes que o povo a faça
antes que o povo à praça
antes que o povo a massa
antes que o povo na raça
antes que o povo: A FARSA

(Frases-Feitas)

E esta "Passagem de Mariana", luminosa simetria semafórica, está prontinha para uma veiculação em raios laser:

devagar... atenção
a 200 m
fiéis saindo
da igreja

devagar... atenção
há 200 anos
fiéis saindo
da igreja

Esses e muitos outros exemplos compõem o que chamo de *escrita radial*. O núcleo fixo é semantizado amplificatoriamente pelo eixo rotativo de novas palavras, dentro do mecanismo de *proliferação barroca* tão bem estudado por Severo Sarduy.

Em entrevista ao tablóide *Poesia Livre* Affonso declara: "Eu próprio me pergunto se às vezes não sou mais humorista do que poeta". Seu humor corrosivo se apóia muitas vezes no choque entre uma frase original e suas reproduções infieis, modulações morfológicas das palavras em movimento:

*dentro da faixa
fora do perigo
dentro da fauna
fora do perigo
dentro da farsa
fora do perigo
dentro do falso
fora do perigo
dentro do fácil
fora do perigo*

(Código Nacional de Trânsito)

Outras vezes esse humor coincide com uma poética da desmetaforização:

azul sem retórica

isto é que é brasil céu de anil

outra leitura: trata-se simplesmente de um céu de abril

(O Visto e o Imaginado)

Ou toma a forma de um leve e fino trocadilho:

clínica pinel

locus amoenus

loucos a mais

O *Erotismo* é outro tema dominante no percurso poético de Affonso. Se os domínios de Eros são nebulosos nos primeiros poemas, tornam-se desbragados nos últimos. Começam sob o signo do *lirismo* e chegam mais tarde a uma espécie de *delirismo*. Dois exemplos extremos:

*A carne dadivou-se em florações,
terço cipós nos caules, sinto a febre
de procriar-me e ser meu guardião.*

(Sonetos da Descoberta)

senilidade

semenilidade

Penso que o poeta é alguém que trabalha a palavra — também joga e se diverte com ela — no sentido de que ela emita o máximo de *sonoridade* e suscite intensa *plasticidade*. À poesia de Affonso tem apurada oralidade e privilegiada visualidade. Eis alguns exemplos de palavras no mais puro estado de música:

*- aos incautos com seus ecos
chamou no aboio dos guampos*

*- aos incautos com seus silvos
clamou nos ocos do escampo*

(Carta do Solo)

Parece-me ainda mais forte a ligação do poeta com as Artes Plásticas, especialmente a Arquitetura. Ele é um ser marcadamente visual. Seu olhar topofílico é muito sensível à linguagem das formas arquitetônicas. Ao mergulhar no tempo, Ávila mostrou-se antes um mestre das superfícies e do espaço. Seu livro *Cantaria barroca* (1975), na sua primeira edição, exhibe insuperável beleza visual. Os poemas cristalizam a paixão do poeta pela cidade de Ouro Preto e identificam-se estruturalmente com ela. Em suas próprias palavras:

"UMA CIDADE COMO AQUELA, IMPREGNADA DE FLUXOS QUE AO MESMO TEMPO EXCITAM E PERTURBAM, NUMA PAISAGEM CONSTRUÍDA DE MITOS E CICATRIZES, FATALMENTE NOS LEVA DO DESLUMBRAMENTO VISUAL AO RECOLHIMENTO DE REFLEXÃO, A UM ESTADO DE ESPÍRITO EM QUE NOS CONTEMPLAMOS DENTRO DE NOSSA ESSÊNCIA MAIS INDECIFRÁVEL E DRAMÁTICA".

Dois exemplos:

casa do balanço

& a lição é criar o próprio estilo
& a lição é criar o próprio espaço

O balanço dos versos formaliza a aparente oscilação — sem nenhum apoio — sobre a rua, dessa casa de arquitetura tão inventiva. Os versos são emoldurados pelo espaço físico que se transforma — pela mediação da imagem verbal — em espaço plástico. É a planta poética do lugar.

rosário

& a lição é a audácia da curva
& a lição é a astúcia da curva

A igreja mais tipicamente barroca de Ouro Preto, toda curva, foi tomada como inspiração para se falar do próprio trabalho do poeta.

De um salto nesta linguaviagem, vamos de Ouro Preto à Pampulha. *O Visto e o Imaginado* — série de poemas de seu último livro — é um périplo poético de um Ulisses minimalista que se apropria dessa região de Belo Horizonte sob o signo da régua, do compasso e da prancheta de Oscar Niemeyer, em fecundo convívio visual que inclui os trabalhos de Portinari e Burle Marx.

Os poemas celebram o rito da iniciação no "mergulho de primeira pilhagem da liberdade" (Pivete da lagoa), as epifanias do "menino e moço" na Casa do Baile, a aprendizagem do universo em seu próprio verso (Universidade), as apostas lúdicas do poeta no Cassino, a "limpa vitória da forma" na Praça Burle Marx e a criação

semântica da palavra Pampulha, finalmente doada a contemporâneos e pósteros.

Observe-se o seguinte poema:

redondo

bar

ó meu mar

Além da exclamação a declarar a adesão emocionada ao lugar, a letra *o* figura o próprio título. O rendimento plástico-sonoro do poema é extraordinário para tão exíguas palavras: o marulhar das ondas se alitera no *m*, que também desenha o movimento ondulatório. O eco do som das ondas, que nasce das nasais do título, se prolonga no *ar* de bar e mar. Esse requinte sonoro e visual provoca um balanço, uma oscilação das palavras que contamina o próprio referente que é o *bar* evocado pela memória. O vídeo de Dileny Campos sobre esse livro capta com perfeição todas essas sugestões.

Um poema como "fim de carreira" ("não ganhei a palma do óscar/ganhei a prancheta de Oscar") me permite dizer que assim como Niemeyer realizou a síntese entre o Barroco e a modernidade arquitetônica, Affonso Ávila alcançou amalgamar a experimentação lingüística da vanguarda poética às matrizes criadoras da tradição barroca. A trajetória pessoal e artística de Affonso explica porque só ele foi capaz de realizar com tamanha *conaturalidade* essa alquimia de linguagens. Explica-se no mesmo movimento de síntese o deslocamento espacial da poesia de Ávila de Ouro Preto (*Cantaria barroca*) para a Pampulha (*O Visto e o Imaginado*).

Esse livro derradeiro faz-me retornar a Ítalo Calvino e seu texto sobre a *Exatidão*. Nele Calvino comenta as imagens contrapostas da *chama* e do *crystal*, vendo nelas modelos para o processo de formação dos seres vivos. O cristal é imagem de "regularidade das estruturas específicas" e a chama, da "incessante agitação interna". Vejo na poesia de Affonso Ávila a fusão dos dois modelos: rigor e inquietação. Sua poesia nos ensina a geométrica, difícil lição dos cristais — "a limpa vitória da forma" — e a ígnea

capacidade de indignação. o calor de sua combatividade e o apaixonado compromisso com seu tempo e sua cultura.

Uma paixão passada a limpo.

DEPOIMENTO

AFFONSO ÁVILA

É sempre um pouco difícil falar de si mesmo, mas eu vou contar a vocês um pouco de minha vida, o que posso chamar "a minha trajetória", desde a adolescência literária até agora, até esta maturidade. Espero poder com isso oferecer alguma coisa que auxilie não só a compreender o meu trabalho, mas a compreender como uma pessoa, um escritor se forma e vai realizando a sua vida no dia-a-dia, no passo a passo da criação. Eu comecei a escrever muito jovem, aos treze, quatorze anos já escrevia. Escrevia essas coisas que geralmente todo mundo que começa escreve, mas tinha uma curiosidade muito grande por tudo e, embora tenha lutado muito em minha vida, com um começo de vida muito duro, trabalhando e estudando desde onze anos de idade, sempre tive atração pela literatura. Isso não obstante eu não desfrutasse em minha casa de nenhum estímulo imediato para essa vocação, esse interesse, a não ser talvez uma tendência de sensibilidade, herdada de família, de meus avós que eram artistas, ambos músicos, um compositor e maestro, o outro instrumentista. Meu avô materno era homem de forte pendor para as coisas do espírito, pessoa bastante inteligente. De meu avô paterno não posso falar muito porque não cheguei a conhecê-lo, ele morreu, lamentavelmente assassinado, quando meu pai era criança, deixando pouca memória, mas em nosso sangue a marca da ascendência espanhola. Meu avô materno viveu a vida quase toda na cidadezinha

de Itaverava, nosso lugar de origem, onde mantinha uma pequena orquestra e dominava, por assim dizer, a vida cultural da localidade, para ele ligada em informação ao resto do mundo pela leitura freqüente de jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. A imagem mais viva que guardo dele - eu ainda bem pequeno e ele já idoso e morando em Belo Horizonte - é a de vê-lo na varanda de sua casa, sentado numa cadeira de balanço, sempre lendo. Sou propenso a acreditar que o fator ancestral tenha de algum modo influído na minha inclinação literária.

Quando adolescente, ou até os dezoito anos, vivi nos bairros Santa Teresa e Floresta. Era costume naquele tempo a publicação de jornaizinhos de bairro. Na Floresta havia dois: "A Sogra" e o "Veneno", jornais de certa forma rivais. Eu e um grupo de amigos e companheiros de colégio publicávamos "A Sogra", de que eu era uma espécie de redator-chefe ou secretário. Publiquei alguns versos ruins e outros textos do mesmo teor no nosso jornalzinho. Daí fui para a frente, sempre lendo. Na adolescência ainda, já conhecia toda a poesia brasileira tradicional, mas não conhecia a poesia moderna. Vim a conhecer a poesia moderna, a poesia do modernismo, através de uma antologia de Estêvão Cruz que me caiu às mãos, eu devia ter uns dezesseis anos por aí. Mas - repito - já havia lido praticamente toda a nossa poesia anterior, até mesmo um poeta que só hoje está sendo redescoberto e revalorizado, como Gregório de Mattos. E conhecia a poesia arcádica, naquilo que eu podia ler. Não havia quase livro disponível, a não ser na biblioteca da rua da Bahia, que eu freqüentava muito, a Biblioteca Pública Municipal que ficava onde é hoje o Museu de Mineralogia. No colégio em que estudava, o Anchieta, também havia uma biblioteca, em que tomava livros emprestados. E com isso fui me formando e me informando. Li os românticos, os parnasianos. Eu tinha uma memória muito boa (infelizmente não tenho mais), e gravei muita coisa de cor de Bilac, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira e até de Augusto dos Anjos. Este foi uma paixão de leitura muito grande, Augusto dos Anjos me marcou muito pela visão de desencanto que tinha da vida e também por uma inovação bastante moderna no vocabulário. Curiosamente, esse problema foi levantado há alguns anos num seminário da Faculdade de Letras da UFRJ, de que

participamos eu, Antônio Cândido e Ferreira Gullar. Lembrou-se ali a modernidade de Augusto dos Anjos para a sua época, a mudança que operou no vocabulário da poesia brasileira, introduzindo o cotidiano científico e uma série de palavras antes de simples domínio prosaico. Passei, assim, por toda a evolução da poesia brasileira, até vir dar com os costados na poesia moderna, isso por volta dos meus dezesseis, dezessete anos, e me apaixonei pela poesia livre dos modernistas, a poesia e também a prosa, pois li muita coisa da prosa do modernismo.

Eu me iniciei também muito cedo no conhecimento da poesia portuguesa. Aos dezoito anos já havia lido *Os Lusíadas* e admirava Camões, até hoje poeta fundamental para mim. Eu possuía uma edição de bolso de *Os Lusíadas*, edição popular mas excelente por causa de seu extraordinário glossário, que ajudava a entender Camões na primeira leitura. Esse exemplar que eu prezava muito teve o curioso destino de ser destruído, num ato de vandalismo juvenil, por uma de minhas irmãs. Ela concluía o curso do Instituto de Educação e para a prova final de português levou emprestado o meu livro precioso. Caiu Camões na prova e ela, aluna inteligente, conseguiu se sair bem no exame, apesar de todas aquelas construções de ordem inversa típicas de *Os Lusíadas*. Entusiasmada e também aliviada do pesadelo camoniano, ela chegou ao topo da escadaria da antiga Escola Normal e atirou lá de cima, destruindo-o, o meu primeiro exemplar do poema. Tive depois e ainda possuo outras edições de Camões, tanto o épico quanto o lírico, com destaque para as obras completas na coleção Sá da Costa, e sempre estou voltando ao poeta: ainda nesse ano passado - ou foi em 89? - eu reli *Os Lusíadas*. Toda essa formação poética, que passou assim pela poesia portuguesa, acabaria naturalmente me conduzindo à literatura espanhola, e mais tarde vim a comprar uma coleção fabulosa que é a antologia de poetas líricos castelhanos, do período medieval, de Menendez Pelayo. São dez volumes, acompanhados de um estudo extraordinário do grande humanista espanhol, que me abriram o mundo das raízes da poesia ibérica. Comecei a conhecer a poesia mais arcaica, fui me interessando pela tradição da linguagem poética, lia as traduções feitas por Odorico Mendes, as traduções da obra de Virgílio, Homero, dos poetas clássicos aos quais não tinha acesso no

original, embora em meu tempo de ginásio, de colégio, houvesse no currículo o estudo do latim. Mas era uma língua muito difícil de se aprender, a gente fazia o necessário para passar de ano e pronto. O acesso aos clássicos tinha que ser através de traduções e, no caso de Odorico Mendes, tratava-se realmente de um tradutor excepcional, homem de cultura notável, companheiro de Sousândrade na grande geração maranhense do século passado. Foi o precursor da transcrição de que hoje fala o Haroldo de Campos, pois Odorico, quando não encontrava no português palavras que correspondessem ao original grego ou latino, criava, montava palavras novas, enriquecendo assim a nossa língua poética.

Essas leituras todas foram me marcando muito, um pouco aqui, outro ali, mais um pouco um autor, menos outro, até que nos vinte e um anos comecei a fazer poesia séria, poesia para ser publicada, para livro, poesia que merecesse já uma edição em livro. Os primeiros poemas dessa fase de emancipação, escritos entre os vinte e um, vinte e três anos, estão em meu livro de estréia, publicado em 1953, *O Açude e Sonetos da Descoberta*, na verdade dois livros em uma edição só, reunindo conjuntos autônomos de poemas, sendo que os *Sonetos da Descoberta* são posteriores a *O Açude*, escritos que foram entre os vinte e três e os vinte e quatro anos. Vou procurar dar uma idéia de como era a minha poesia daqueles anos de juventude. Com a minha tradição de leitor dos mestres do soneto, eu me encaminhei naturalmente pelo campo dessa composição de síntese, mas fui um sonetista rebelde, porque as suas regras fixas não me satisfaziam de maneira nenhuma. Então eu quebrava as formas tradicionais do soneto e o fazia a meu modo, numa estrutura para mim inteiramente livre, e foi essa uma das razões do sucesso que obtive com o primeiro livro. Deixando a modéstia de lado, tenho que dizer que ele alcançou uma repercussão nacional, me situando, logo de cara, como poeta de certa respeitabilidade na poesia jovem do tempo. Bem, como disse, eu trabalhava o soneto à minha maneira, sem prisão aos modelos, inovando dentro dele com um vocabulário novo e também um esquema rítmico de grande liberdade. Houve uns trinta artigos de crítica na imprensa, suplementos literários, revistas, sobre o livro, que foi assim muito bem recebido. E uma das pessoas que escreveram sobre ele o elogiou muito e tal, mas falou que

lamentavelmente, só isso. lamentavelmente eu praticava muito o "suarabácti". Pensei: "meu Deus do céu, o que será isso?" - eu não sabia o que era "suarabácti", para mim soava alguma coisa japonesa, uma dança, uma arte marcial, uma coisa desse teor assim, "suarabácti"... Depois vim a saber que era uma questão de contagem de sílabas, por exemplo a palavra "advento": eu em vez de contar "ad/vento", contava "adivento", à maneira brasileira, porque o brasileiro pronuncia acentuando mesmo quando a letra neutra não forma sílaba isolada, frisando-a bem: "domingo do ad(i)vento". Quem me esclareceu sobre esse pretenso crime métrico foi um amigo a quem muito devo, Cristiano Martins, poeta também e o grande tradutor de Dante. "Se você está querendo fazer o soneto à maneira clássica e tudo, você tem que respeitar as regras, não pratique suarabácti. Mas eu acho que você não quer fazer isso." Exatamente, eu tinha uma visão inteiramente diferente do problema.

Mas passemos ao livro, ao primeiro livro, aos primeiros poemas, vou ler o que deu título ao livro *O Açude*:

*Há neste açude lendas afogadas,
deuses dormindo o sono que os transcende.
Nenhuma sede irá buscá-lo incauta.
Nele, porém, dois cães vigiam sempre.*

*Não há peixes no açude, nem há vagas.
A seu apelo mudo não atende
o vento viajor das madrugadas.
O açude é um cemitério diferente.*

*Os mesmos cães não ladram. Pelo afã
somente é que parecem-nos dois cães.
O açude é um muro longo, erguido em gelo,*

*que por castigo os deuses sem destino
tornaram mausoléu, doando ao limo
o segredo final para rompê-lo.*

Nesse primeiro livro eu tinha uma postura moderna, prevendo uma evolução da poesia no sentido da síntese, dessa coisa toda que hoje se vê, eu já prenunciava isso aos vinte e dois, vinte e

três anos, ou quem sabe vinte e um, não me lembro com exatidão de quando são alguns poemas. Por exemplo, este "Amanhã", em que já usava o recurso visual:

*Detém-te, pára
recurvo olhar.
(Se abrisse o mar
além da rara*

*luz que desdobra
o tenro olhar...)
Por sobre o mar
estende a cobra*

*seu corpo em S.
(Se afoga o olhar
estruge o mar
o medo desce...)*

Eu procurava pois soluções que me levassem a uma síntese de linguagem, inclusive jogando com o lado gráfico-visual, o lado signico da letra S. E trabalhava poemas que fugiam assim à linha predominante dos sonetos, às vezes até com maior apelo lírico e solicitação participante bem grande, como é o caso do poema "Ao longo do rio Chongchon". O mundo acompanhava na época a chamada Guerra da Coréia e uma das mais sangrentas batalhas dessa guerra se desenrolou ao longo do rio Chongchon, batalha que parece durou mais de um ano. Foi uma carnificina tremenda, parte do exército norte-americano morreu ali, batalhões se perderam naquela luta contra os coreanos. A batalha sugeriu o poema:

*Contam que ao longo do rio Chongchon
vai tenebroso véu baixando.
Uns negam e dizem mesmo que é uma flor
(flor roxa que vai crescendo).*

*Quisera transportar meu sentimento
ao longo do rio Chongchon
mas meu sentimento é hoje todo
um nervo só.*

*Dizendo vem-me de empréstimo
a minha antiga e clara intuição
que a flor roxa nasceu do coração do homem
ao longo do rio Chongchon.*

*Minha angústia estrangeira vem, percebe
a angústia maior que se apodera
dos outros meninos que sonhavam
ao longo do rio Chongchon.*

*Leio a mensagem flâmea que se escreve
ao longo do rio Chongchon
então meus olhos fogem
e cada vez mais eu me adentro.*

Falei poemas de meu primeiro livro, *O Açude*. Depois veio o livro da descoberta. foi quando houve a descoberta amorosa, já num período imediato àquele, bem imediato e às vezes simultâneo na concepção dos poemas. Uma série de poemas de amor, os *Sonetos da Descoberta*, todos na mesma linha dos três que vou ler aqui. É uma seqüência e na época esses poemas foram muito comentados, pela originalidade. Um poema único em três partes, um poema à minha maneira, livre e desataviada das amarras do velho sonetão, são os "Sonetos à amada gestante":

I

*Ninguém pudera tanto (um deus nos move),
nem palavras criaram tanto ardor.
Somos outras estrelas, nosso céu
sabe ao mesmo azul, não somos tristes.*

*Ninguém cuidara assim quanta pesquisa,
nem cansaço coubera em nosso peito
se crianças pousamos estes lábios
em carne viva, sem relógio ou medo.*

*Em cismas de pastor meu sangue assiste
o corpo que moldais no próprio corpo,
a flor de que sois humo e sois corola.*

*No ventre trabalhais um verso novo
a ao nosso amor buscais fios de azul
com que teceis o filho e a sua lã.*

II

*É sólido teu verso porque amas
é simbolo meu corpo porque amas
porque amas sou homem e teu sinal
sou lágrima sou rosa e sou punhal.*

*Nem mais quisera ser além de mim
mas teu ventre me suga e és jardim
és vaso que quebrei e a flor no trilho
mudou-se em forma e cor e fez-se filho.*

*Se mais quiseste amar o mar não trouxe
e todo o teu cristal por mim compôs-se
pois só eu soube o signo e a peixe aspiro.*

*Ao provento de nuvens não conspiro
embora o sol e o nervo eu lavo em linho
quanto pequei por triste e sem carinho.*

III

*Ah, flor de seda, enfim desabrochaste.
Minha gota de sangue sobre o vaso
que poderes repôs, ela que fora
a lágrima do triste e seu cuidado.*

*Agora, cativemos o amanhã
quando fores apenas desta idade
o hálito que resta a todo simbolo:
teu transporte de flor a guardiã.*

*Vais de planta a casulo (é teu destino
ser de seda), do verbo à criação,
do abrigo de abelha ao pastoreio.*

*Completarás teu ciclo vegetal
e o fluido do que foste, então, humano,
florescerá no róseo de teus seios.*

Bem, esse era o tipo de poesia que eu fazia na minha mocidade poética, no início da minha atividade poética, poemas que compuseram o livro *O Açude* e seu complemento, os *Sonetos da Descoberta*. Depois disso, a poesia foi-se tornando um pouco mais impessoal, um pouco mais objetiva, à medida em que eu encarava os problemas do mundo, em que eu me situava diante da realidade, daquilo que via e daquilo de que participava. Por volta dos trinta anos, tive uma participação política de certa forma notória, e isso refletiu muito na minha poesia. Havíamos publicado em Belo Horizonte - eu, Fábio Lucas, Rui Mourão, Laís (que é minha mulher), Cyro Siqueira e outros jovens - uma revistinha literária, a revista se chamava *Vocações*. Passados alguns anos - 1956/57, parte desse mesmo grupo acabaria por se situar politicamente: era um período muito rico da vida brasileira, em que o pensamento era amplamente discutido, não havia lugar para a alienação intelectual, quer dizer, todo mundo da área cultural estava engajado de uma forma ou de outra. Foi quando, sob a direção de Fábio, lançamos então a revista *Tendência*, que alcançaria uma repercussão nacional muito grande para nós e para a época. *Tendência* chegou mesmo a provocar polêmica, muita gente se colocando contra a revista por achar que defendíamos um nacionalismo estreito, quando na verdade propugnávamos uma linha de nacionalismo crítico para a nova literatura brasileira, para o projeto cultural brasileiro, o que aos poucos foi sendo evidenciado pela trajetória da própria revista e pela atuação pessoal de cada um de nós. Era natural que a minha poesia desse período não deixasse de refletir esse meu engajamento e também uma grande inquietação sob o ponto de vista de linguagem, porquanto a gente vivia naquele momento uma revolução radical na formulação da poesia brasileira, o que é lógico me afetaria, eu que era inquieto e rebelde desde o primeiro livro. Até que chegasse a isso, escrevi alguns poemas de transição, já dentro da linha de engajamento mas formalmente indefinidos, como "Concílio dos plantadores de café", "Os negros de Itaverava", "As viúvas de Caragoatá", "O boi e o presidente" e outros poemas menores.

O livro característico desse meu período foi, no entanto, a *Carta do Solo*, livro que me marcou naquele momento e que, muito significativamente, saiu em janeiro de 1961 sob a chancela de

Tendência. É um livro de muita pesquisa de linguagem, de trabalho rebuscado mesmo, bastante aplicado, uma poesia racionalmente construída, numa linguagem que a crítica chamaria hoje de construtivista. Na época ou pouco depois, foi lançada em São Paulo, pelo antigo grupo dos poetas concretos, ao qual me liguei por amizade e afinidade, a revista de arte de vanguarda *Invenção*, revista importante na poesia brasileira de que saíram cinco números, três deles com colaboração minha. No segundo número de *Invenção* eu publiquei um depoimento intitulado *Carta do Solo* - poesia referencial, em que procurava explicar exatamente esse meu livro, todo o seu processo de concepção e construção, a visão de referencialidade de sua linguagem diante da realidade, o contexto formal portanto desse livro de poemas extensos, os maiores poemas em tamanho que já escrevi. São cinco poemas, extensos mas de linguagem sintética e muito trabalhada: o primeiro a "Carta do solo", que deu o nome ao livro, a seguir "Morte em efígie", em que eu pegava como pretexto referencial o problema do "entreguista". Naquela época a gente estava muito preocupada com o problema dos intelectuais e homens públicos que ditavam a política reacionária no Brasil, que procuravam fazer a cabeça do povo e que na verdade não passavam de agentes de um pensamento imperialista, inteiramente contrário aos nossos interesses. No poema eu formulava uma idéia de julgamento de uma pessoa dessas, pessoa que realmente existiu, que foi o modelo do personagem-entreguista do poema, pessoa porém dissimulada e camuflada, difícil de ser nomeada, identificada frontalmente. Por isso, não podendo no julgamento do poeta submetê-la ao enforcamento real, recorro à imagem da morte em efígie, instituto jurídico existente desde o período medieval e que no século dezoito chegou até Minas, onde houve algumas execuções dessa espécie. Quer dizer, o criminoso, ou quem fosse que estivesse na malha da justiça e não fosse encontrado, por ter-se foragido, era julgado à revelia e condenado a morte em efígie. Fazia-se um boneco da pessoa, levava-o à forca e o enforcava com toda a formalidade, e a partir daquele momento tinha o condenado morte civil decretada, não existia mais civilmente, embora pudesse ter fugido para Goiás, Mato Grosso caído no mato como se dizia: a pessoa tinha sofrido morte em efígie. Meu personagem-entreguista recebe, como o criminoso do

passado, a sentença final: "**GRAVE-SE NA MOEDA / SUA MORTE EM EFÍGIE**". termina em caixa alta o poema.

Outro poema do livro é "Bezerro de ferro e sinal". A atividade da pecuária, do pastoreio, sempre me encantou, talvez aí um pouco de ancestralidade vinda de alguns avós remotos, de família de fazendeiros. E fiz então o poema sobre uma saga pecuária, a do bezerro de ferro e sinal, que é o bezerro marcado para morrer. Um poema longo, bem elaborado, que agradou muito na época, como aliás todo o livro *Carta do Solo*, que, publicado quase dez anos depois de *O Açude e Sonetos da Descoberta*, teve repercussão crítica ainda maior do que a do primeiro livro, me dando no quadro da poesia um lugar já mais ou menos determinado, definido. Vem a seguir, nessa mesma série, o poema "Os anciãos", bem dentro da linha engajada e em que eu tomava o pretexto da alienação de nossos velhos políticos, poema longo e meio satírico, cada parte terminando sempre com um coro dos senadores da república. Encerrando a série, o poema "Os híbridos" retoma o pretexto da hibridez política e ideológica, do comportamento híbrido do intelectual ou do político diante da realidade. É o mais arrojado em termos de linguagem dos cinco poemas de *Carta do Solo*, não é um poema fácil, ele marca exatamente o meu salto para uma poesia de sentido mais visual, sintético, mais contundente, é o salto para o livro seguinte, o *Código de Minas*. "Os híbridos" têm duas direções de leitura, podendo ser lido o poema todo ou, mais visualmente, ser lida só a parte em destaque, em maiúsculas:

Onde confina os ermos do opaco

A PEDRA

abre os arcos-iris de cinza

COM SUAS AUSÊNCIAS

- ruína,

sinete de incúria.

Onde pendem os anéis de sol

A FLOR

mede as jusantes do dia

COM SUAS AUSÊNCIAS

- artifício,

sinete de ócio.

Onde represa os ardis do sabor

O FRUTO

apodrece as amêndoas de ar

COM SUAS AUSÊNCIAS

- açúcar,

sinete de volúpia.

Onde punge o resgate da boca

O PÃO

incha os avessos de ázimo

COM SUAS AUSÊNCIAS

- fraude,

sinete de fome.

Onde carrega o ofego do ouro

A MULA

apresta os arremedos do cio

COM SUAS AUSÊNCIAS

- fêmea,

sinete de suborno.

Onde ostenta o ambiguo das plumas.

O PÁSSARO

modula as gargantas de exílio

COM SUAS AUSÊNCIAS

- canto,

sinete de escárnio

Onde aleita os escorpiões de desdém

O HOMEM

conspira o bolor do rosto

COM SUAS AUSÊNCIAS

- eunuco,

sinete de medo.

Onde simula os bronzes do timbre

A PALAVRA

confunde a ciência dos peixes

COM SUAS AUSÊNCIAS

- palavra,

sinete de insidia.

OS HÍBRIDOS

COM SUAS AUSÊNCIAS

Três anos após a publicação de *Carta do Solo*, ocorreu no Brasil um episódio que nos afetou a todos - o "golpe de 64", que nos afetou no que sonhávamos, no por que lutávamos, no que tínhamos como meta crítica principalmente, porque nosso trabalho de então era mais crítico, nossa postulação política era crítica. Tudo isso sofre um corte violento em 1964. Muitos de nossos companheiros de geração foram alcançados e sofreram duramente nesse episódio da

história política brasileira, que inquietou a todos e desarticulou a vida de muita gente e a própria vida nacional, episódio em cujas conseqüências nós imergiríamos durante cerca de vinte anos, vinte anos de sombra e terror. É no bojo dessa época que surge o meu livro *Código de Minas*. Foi escrito e publicado em plenas trevas desses anos, ou mais precisamente em 1969, e talvez por isso tenha tido ressonância maior do que os dois primeiros livros, me situando um pouco mais além dentro de um quadro de valoração crítica da poesia brasileira. A repercussão foi grande assim porque muita gente o considerou o livro mais corajoso que se escreveu naquele momento. Como Minas desempenhou papel tremendamente óbvio na chamada "revolução militar", como de Minas partiu toda essa reação que cercou todo o pensamento livre, progressista no Brasil, então eu me aprofundi no conhecimento de Minas, quis entrar mais dentro de Minas. E nesse mesmo momento de vergonha nacional eu passo também por um momento difícil na minha vida, tive uma crise de saúde e fui obrigado ainda a ficar de repouso algum tempo, sob a intensa pressão psicológica que se exercia. Tudo isso influiu para que eu me encaminhasse para uma poesia mais violenta, mais crítica. Simultaneamente a isso, eu, que já possuía muita afinidade com a linguagem barroca, me aprofundo no estudo de Minas e mais particularmente no estudo do barroco, e aí começo a pesquisar mais sistematicamente. *Código de Minas* é elaborado ao mesmo tempo que outro livro, que é um trabalho de pesquisa e ensaio, os *Resíduos Seiscentistas em Minas*. Nos meandros da dita mineiridade, eu procurei identificar as raízes de Minas, a dicotomia mineira, os lados contrastantes que há na alma mineira, que às vezes é aberta, esperançosa, progressista, livre, às vezes é reacionária, rancorosa, repressiva, obscurantista. Procurei então, na poesia e no ensaio daquele instante, sublinhar, deixar à minha maneira ver exatamente esses dois polos do paradoxo mineiro. O livro *Resíduos Seiscentistas em Minas* termina precisamente por um capítulo em que tento a interpretação dessa dualidade. Meu processo de poesia se concentra numa visão penetrante de pesquisa não só de linguagem quanto da história, procuro ir ao fundo da questão, desencobrir o componente mais sombrio e perverso da coisa mineira, em contrapartida ao componente mais saudável e confortador, que era realmente o lado

positivo da história. Como dizia Teófilo Ottoni, "toda rua de Minas tem dois lados, o lado direito e o lado esquerdo". Acima de qualquer expectativa, o livro provocou várias teses universitárias, cursos, seminários, manifestações em que eu sentia que, através delas e do exemplo de meu livro, as pessoas buscavam liberar-se da opressão do momento. Vejamos do *Código de Minas* o poema "Trilemas da mineiridade":

*eu em mim
eu em minas
eu em minas de mim*

*eu em outros
eu em óxido
eu em óxido de outros*

*eu em texto de minas
eu em templo de minas
eu em tempo de minas*

*eu em parnaso de outros
eu em partido de outros
eu em paródia de outros*

*eu em onírico de mim
eu em omisso de mim
eu em opaco de mim*

*eu em camada de óxido
eu em câmara de óxido
eu em câncer de óxido*

*eu em modorra de minas
eu em montanha de minas
eu em montagem de minas*

*eu em análogo de outros
eu em anódino de outros
eu em anônimo de outros*

*eu em inepto de mim
eu em insípido de mim
eu em inóspito de mim*

*eu em fossa de óxido
eu em fósfil de óxido
eu in-fólio de óxido*

Outro poema de forte apelo crítico foi o intitulado "Frases-feitas", a cujos primeiros versos o cineasta Sylvio Back buscou a epígrafe de seu filme "Revolução de 30". É um poemamontagem e parodístico em torno de frases-feitas famosas de Minas, de Minas que é a terra das frases-feitas, das frases de efeito:

*façamos a revolução
antes que o povo a faça
antes que o povo à praça
antes que o povo a massa
antes que o povo na raça
antes que o povo: A FARS-A*

*o senso grave da ordem
o censo grávido da ordem
o incenso e o gáudio da ordem
a infensa greve da ordem
a imensa grade DA ORDEM*

*terra do lume e do pão
terra do lucro e do não
terra do luxo e do não
terra do urso e do não
terra da usura e DO NÃO*

*mais da lei que dos homens
mais da grei que os come
mais do dê que do tome
mais da rei que do nome
mais da rês que DA FOME*

*num peito de ferro
é um coração de ouro
é o quorum a ação do ouro
é o coro a ação do ouro
é a cor a ópio-ação do ouro
é a gorda nação DO OURO*

modesto como convém
austero como é do gosto
aufere como é do gosto
ao ferro como é do gosto
ar estéril como é do gosto
austero e comendo *A GOSTO*

solidário só no câncer
solidário só no câmbio
solidário só na canga
solidário só na campa
solidário só *N.A C.A.M.A*

aos inimigos bordoada
aos amigos marmelada
aos contíguos marmelada
aos conspícuos marmelada
aos promiscuos marmelada
aos ambíguos *M.ARMELADA*

o crime é não vencer
o crime é não vender
o crime é não vir a ser
o crime é não virar cedo
o crime é o *NÃO VEZES CEM*

libertas quae sera tamen
liberto é o ser que come
livre terra ao sertanejo
livro aberto será a trama
LIBERTO QUE SER-Á O HOMEM

Código de Minas reúne mais dezoito poemas, todos na mesma índole de veemência de linguagem e contundência semântica, dentre eles a "Teoria dos coroas", a expressão "coroas" entendida aí como um perfil ideológico dos velhos de espírito, velhos ou não na idade, mas paradigmas da mentalidade que tramou em Minas e exportou para o resto do Brasil a "revolução" da marcha à ré de 64 na vida brasileira:

a realidade é a dos coroas
a real idade é a dos coroas
a hilaridade é a dos coroas
(sua filosofia é o civismo
sua filosofia é o cinismo
sua filosofia é o si mesmo)

o credo é o dinheiro
o cristo é o dinheiro
o critério é o dinheiro
(sua verdade é a cia.
sua verdade é a cifra
sua verdade é o cifrão)

o estadista é o agiota
a estatística é o agiota
a estátua equestre é o agiota
(sua paisagem é o branco
sua paisagem é o banco
sua paisagem é o balanço)

o homem puro é o paladino
o homem público é o paladino
o homem pútrido é o paladino
(sua política é a do benedito
sua política é a do benefício
sua política é a do bem-nascido)

o ferrete é a liberdade
a ferrugem é a liberdade
a ferradura é a liberdade
(sua retórica é o rui
sua retórica é o ruído
sua retórica é a ruína)

o burocrata é o censor
o burro crasso é o censor
o burguês clássico é o censor

(sua informação é o estado de minas
sua informação é o estágio de minas
sua informação é a estafa de minas)

o hábito é a família

o hálito é a família

o álibi é a família

(sua moral é a fachada
sua moral é a fé cega
sua moral é a fêria certa)

o padrão é a mediocridade

o patrão é a mediocridade

o panteão é a mediocridade

(sua cátedra é o trêfego
sua cátedra é o trívio
sua cátedra é o trivial)

o tema terno é a sensibilidade

o terra-a-terra é a sensibilidade

o ter-a-terra é a sensibilidade

(sua poesia é a do bilac
sua poesia é a do bivaque
sua poesia é a do biscate)

o mito é a inconfidência

a mística é a inconfidência

a mistificação é a inconfidência

(sua ideologia é a fôrma
sua ideologia é a força
sua ideologia é a forca)

O *Código de Minas* teve uma bela edição, com excelente apresentação gráfica, feita pela Civilização Brasileira, que era a editora de resistência da época. Não tive, porém, a mesma sorte editorial com o outro *Código*, a seqüência de poemas *Código Nacional de Trânsito*, publicada em 1972. Estávamos no período mais negro e repressivo da ditadura militar e nenhuma gráfica se dispôs a imprimir a plaqueta, uma reunião de oito poemas dentro de

uma capa-invólucro desenhada por minha filha Myriam, com um sinal de trânsito impedido na frente. Procurei várias gráficas, disposto a fazer uma tiragem ainda que fosse de apenas cem exemplares. O medo da repressão tomava conta de todo mundo e só obtive recusas e desculpas dos donos de gráfica. Até que um dia, passando perto do Mercado Municipal, vi uma lojinha entreaberta, com uma impressora à vista. Entrei e propus o negócio ao moço que me atendeu, um dos sócios da firma, como vim a saber depois. Numa de minhas idas posteriores à pequena gráfica, encontro o outro sócio do moço, o qual, vendo o que se passava e que tipo de serviço estava sendo realizado ali, gritou para o companheiro: "você está doido, nós estamos perdidos, imprimindo isso aqui!" Mas o trabalho estava terminado. E foi assim que consegui imprimir os cem exemplares da seqüência parodística de poemas. Os amigos logo souberam da novidade e foi grande a procura do livreto. Afinal, os cem minguados exemplares acabaram curiosamente virando a maior tiragem de poesia que já tive. O "Jornal do Brasil", que possuía uma postura de certa resistência aos militares, me telefonou do Rio, propondo publicar uma página inteira com a transcrição dos poemas, o que aceitei e foi feito. Eram mais de cem mil exemplares. Depois o mesmo aconteceu com o "Correio Braziliense", que, graças à atuação do meu saudoso Valdimir Diniz, deu também uma página inteira, ilustrada por flagrantes do tráfego de Brasília, muito bem apresentada. Até o nosso cauteloso "Estado de Minas", onde havia alguns jornalistas colegas meus mais corajosos, quis divulgar os poemas, mas com a condição de selecionarem apenas os menos contundentes. Saiu uma página, também bonita por sinal, acompanhada de cenas do filme "Esse tráfego louco", de Jacques Tati, no momento em exibição no hoje destruído Cine Metrópole. *Código Nacional de Trânsito*, despretensiosa edição inicial de cem exemplares, terminou desse modo se transformando no best-seller da poesia brasileira dos anos turbulentos da ditadura. Vejam um dos poemas da seqüência:

*não ultrapasse
quando a faixa for continua
não ultraje a pátria
quando a farsa for continua
não vire a página
quando a farsa for continua
não pule a pauta
quando a farsa for continua
não mude a prática
quando a farsa for continua*

A mensagem ficou, foi a cutilada mais forte que pude dar como poeta. Podem não ser os poemas da minha eleição, que eu mais goste, tenho um certo amor por dois ou três livros que me marcaram mais porque são mais ligados à minha própria vida, mas o *Código de Trânsito* teve todo esse significado e essa peripécia conjuntural, serviu para me situar ainda mais num campo político de atuação. Mostrava que os poetas estavam vivos, que eu - poeta - continuava falando a minha verdade semântica, enquanto o comum naquele instante eram as pessoas camuflarem as coisas. Alguém, de quem não vou citar o nome por já ter sido meu amigo e estarmos vivendo a mesma contemporaneidade, chegou a assustar-se, a ler os poemas boquiaberto. Eu estava no Rio, num grupo mais à esquerda, e essa pessoa, que se dizia muito participante, um poeta engajado e ainda se diz até hoje, voltou-se espantado para mim e disse: "Mas você tem coragem de fazer isso, e lá em Minas?" Eu disse, "pode ser em Minas ou em qualquer outro lugar. Isso é a poesia, a voz da gente, a maneira que a gente deve ter de não ficar calada." O fato, os poemas me trouxeram uma notoriedade maior na linha que o Fritz Teixeira de Salles chamava com propriedade "a poesia da coragem". Mais uma amostra para vocês:

<i>conserve-se</i>	<i>à direita</i>
<i>converse</i>	<i>às direitas</i>
<i>como os cegos</i>	<i>à direita</i>
<i>com o verso</i>	<i>às direitas</i>
<i>como servo</i>	<i>à direita</i>
<i>com os seus</i>	<i>às direitas</i>
<i>como os sérios</i>	<i>à direita</i>
<i>com o sexo</i>	<i>às direitas</i>
<i>confesse-se</i>	<i>à direita</i>
<i>com os céus</i>	<i>às direitas</i>

Começa aqui outro capítulo de minha vida, o da minha vivência e convivência com o barroco, o que na realidade já vinha de 1964, quando iniciei as pesquisas para o livro *Resíduos Seiscentistas*, que é uma interpretação da formação barroca de Minas. Aliás, trabalhar nesse livro me consolou muito numa etapa difícil que passei e me abriu uma nova perspectiva de atuação intelectual, um espaço diferente de reflexão em razão do qual sou hoje uma pessoa conhecida numa faixa como poeta, mas em outra como "o homem do barroco". Tenho livros que são adotados em quase todas as escolas de arquitetura do Brasil, mantenho uma convivência muito proveitosa com as classes de arquitetos, restauradores, pesquisadores, historiadores, essa gente toda é muito ligada a mim exatamente por essa outra atuação, a do barroco. Mas as duas coisas confluem. Bem, em 1972, 1973, a UNESCO resolve fazer um plano de preservação para Ouro Preto e Mariana. E manda para cá um arquiteto de sua equipe, pessoa excepcional, um português notável, profissional de grande conceito e também amigo querido de Oscar Niemeyer, o arquiteto Alfredo Viana de Lima. Cabia ao Viana de Lima dar as coordenadas do plano, formando uma comissão para isso, e, como ele já conhecia meu trabalho na área do barroco, exigiu a minha participação na equipe. A tarefa seria desenvolvida institucionalmente pela Fundação João Pinheiro, que então me contrata como consultor-coordenador do suporte histórico-documental do plano e eu passo um ano e meio em Ouro Preto, só vindo a Belo Horizonte nos fins-de-semana, e lá trocando importantes experiências com jovens arquitetos, aos quais me afeiçoei. Vivendo o

dia-a-dia da cidade histórica, cujos segredos formais eu já conhecia teoricamente, e me aprofundando em cada detalhe plástico ou afetivo de sua singularidade urbana ou de sua memória peculiar, foi nascendo aos poucos o projeto de um livro sobre Ouro Preto, livro do poeta e não do simples profissional do barroco. É um livro que chamo livro de paixão, a paixão com a cidade, a paixão captada pelos olhos e a paixão do envolvimento do coração. Não é por acaso que o livro, a *Cantaria Barroca*, publicado em 1975 como homenagem ao centenário do *Elixir do Pajé*, de Bernardo Guimarães, única homenagem que o poema audacioso do velho Bernardo recebeu nos seus cem anos, não é à-toa que ele traz como capa a reprodução de um coração de pedra rústica trabalhada na capela de Sant'Ana pelo pedreiro Vado Ribeiro. *Cantaria Barroca* teve uma edição limitada, para assinantes, em belo trabalho gráfico de Sebastião Nunes e fotográfico de Maurício Andrés, dois amigos diletos meus. Mais tarde, ou seja, em 1978, o livro foi reproduzido na antologia *Discurso da Difamação do Poeta*.

É uma série de poemas em que a concisão gráfico-visual e de linguagem dá a idéia da pedra com seus amarramentos estruturais e também da pedra-de-toque sonora, de musicalidade quase monocórdica, cantaria portanto num caso e em outro. As palavras têm um enquadramento formal preciso e, diante desse rigor natural, que parecia buscado e elaborado, muitas perguntas me foram feitas sobre se eu me obstinava na escolha das palavras, no escandir da frase poética, ou se eu hesitava perante uma solução e tentava indefinidamente outras, até acertar. Por incrível que pareça - eu respondia sempre - *Cantaria Barroca* é um livro de extremo domínio, de extrema maturidade construtiva, em que as palavras caem no momento certo, no lugar certo, o que acontece não só em poesia, quando o poeta tem o senso de competência e eficiência do ofício, adquirido num longo trato com seu instrumento de trabalho e sua matéria de criação, mas acontece em qualquer ofício, quando a maturidade já deu a perícia final a quem o exerce com aplicação. Predominam os poemas-desenhos, de ascendência barroca ou caligramática ou de afinidade para-concreta, e os poemas-dísticos, que não escondem a herança emblemática barroca. Mas todos poemas muito pessoais, personalizados mesmo dentro de uma linha própria

que tem sua raiz em meu primeiro livro e dele se desenvolve até os poemas que ora estou trabalhando. No poema "Casa do balanço", edificação que existe em Ouro Preto e que tem uma arquitetura extraordinária, altamente inventiva embora rústica, com o seu balcão inteiriço se projetando sem nenhum apoio externo sobre a rua, nesse poema "Casa do balanço", por sinal um mero poema-dístico, Sebastião Nunes viu a sùmula, a síntese, a definição de minha personalidade de poeta ao organizar a edição especial do Suplemento Literário do "Minas Gerais" sobre minha poesia, usando como epigrafe da publicação as duas linhas do dístico:

& a lição é criar o próprio estilo
& a lição é criar o próprio espaço.

"Casa do balanço" pertence à seqüência chamada "Apostilas da Escola de Minas", a qual inclui também o minipoema "Rosário", que ensejou o arrojado vídeo "Rito e Expressão", que teve roteiro de minha filha Cristina e de sua companheira a historiadora Maria do Carmo Andrade Gomes, com direção e realização do vidcomaker Éder Santos. Rosário é aquela igreja de Ouro Preto tôda em secções e volumes encurvados, protótipo do movimento arquitetônico barroco, da própria concepção dilemática do espírito barroco:

& a lição é a audácia da curva
& a lição é a astúcia da curva

Embora não esteja entre os poemas de mais rígida construção do livro, o "Bcco do Escorrega", evocação visual e filosófica de uma das vielas mais famosas da cidade-monumento, agradou a gregos e troianos pelo apelo direto e popular de seu pretexto:

& e a gente pensa que está subindo
& está é descendo
& e a gente pensa que está sabendo
& está é descrendo
& e a gente pensa que está somando
& está é diminuindo
& e a gente pensa que está salvando
& está é destruindo

Poema aparentemente artificial em sua estrutura, o intitulado "Casa da Ópera" constrói-se em blocos autônomos, simulando uma platéia de teatro e seus balcões laterais, um arranjo de letras e frases que não surpreende quem conheça bem o aspecto interno do venerando teatro setecentista de Ouro Preto. No seu pretexto temático, o poeta busca refazer uma trajetória, uma história que seria ao mesmo tempo a do velho teatrinho e a da própria arte cênica brasileira. O grupo teatral Kuzala, de que não tenho tido notícia ultimamente, chegou a preparar o roteiro para a montagem de uma peça baseada nessa saga do poema. Há referências explícitas a grandes atrizes que ali atuaram, desde Violante Mônica, das primeiras mulheres profissionais a pisarem o palco na preconceituosa Minas do século dezoito, até a notável Judith Malina expulsa de Ouro Preto junto com o grupo do "Living Theatre". O poeta é o "fantasma da Ópera" e com elas contracenava no desenho referencial do poema, deste poema "Casa da Ópera":

&

fantasma barr

oco eu contra

*ceno violante mônica e
exultos retornamos ao
palco para os aplausos*

&

fantasma romã

ntico eu cont

*raceno augusta candiani
e exultos retornamos ao
palco para os aplausos*

&

fantasma artn

ouveau eu con

*traceno luisa leonardo e
exultos retornamos ao
palco para os aplausos*

&

fantasma livi

ng theatre eu

*contraceno judith malina
e expulsos retornamos ao
palco para os apupos*

&

Não sei se estou cansando vocês com minha poesia, mas me pediram este depoimento e o depoimento do poeta tem que ser sobre a vida dele e o principal da vida dele é a sua poesia. Me perdoem, portanto, se insisto em falar da *Cantaria Barroca*, um dos meus três livros de minha eleição, um livro de paixão, repito. E ao aludir a essa carga afetiva mais profunda do homem, a paixão, não poderia deixar de referir-me ao poema "Passos da Paixão", que tem como pretexto a geografia urbana e poética daquelas singelas capelinhas que compõem, em Ouro Preto e outras velhas cidades, a trajetória comovente da chamada "procissão do Senhor dos Passos", capelas distribuídas ao longo das ladeiras e largos da cidade e nas quais a procissão se interrompe por escalas para a meditação popular sobre a história da "via crucis", nos seus episódios de reflexão. O poema sugeriu mesmo uma bela e inventiva peça musical ao extraordinário compositor que é Willy Corrêa de Oliveira. Portanto, vamos aos "Passos da Paixão":

passo de antônio dias
ou do ecce homo

& eis-me o homem
& eis-me o homem senhor dos passos
& eis-me o homem senhor dos passos da paixão

passo móvel
ou do encontro

& passo a passo
& passo a passo o pacto
& passo a passo o pacto da paixão

passo da praça
ou da cruz, às costas

& a consciência dos passos
& a consciência dos passos de sonho
& a consciência dos passos de sonho da paixão

passo da rua são José
ou da coroação de espinhos
ou do senhor da cana verde

*& os louros da loucura
& os louros da loucura dos passos
& os louros da loucura dos passos da paixão*

passo da ladreira do paracatu
ou da flagelação

*& o espírito está pronto
& o espírito está pronto mas a carne é fraca
& o espírito está pronto mas a carne é fraca nos passos
da paixão*

passo da ponte seca
ou da verônica

*& no sanguíneo de ataide o sangue
& no sanguíneo de ataide o sangue dos passos
& no sanguíneo de ataide o sangue dos passos da paixão*

passo da capela do bonfim
ou da crucificação

*& consummatum est
& consummatus est o poeta
& consummatus est o poeta nos passos da paixão*

Encerrando esta cortição remissiva da *Cantaria Barroca*, tento ler para vocês um dos poemas mais felizes do livro. poema em que talvez seja mais evidente o rigor de concreção do processo construtivo, poema em que Fritz Teixeira de Salles quis enxergar o selo de uma vida, paixão e morte de Cláudio Manoel da Costa, que seria para ele a grande simbologia implícita do livro, na verdade a paixão do eu-poeta, do eu-autor. Eis o poema "Casa dos Contos":

*& em cada conto te conto
& em cada enquanto me enca
nto & em cada arco te a
barco & em cada porta m
e perco & em cada lanço t
e alcanço & em cada escad
a me escapo & em cada pe
dra te prendo & em cada g
rade me escravo & em ca
da sôtão te sonho & em cada
esconso me affonso & em
cada cláudio te canto & e
m cada fosso me enforco &*

Divulgado em Lisboa pela primeira vez, em 1976, o *Discurso da Difamação do Poeta* acaba virando livro dois anos depois em São Paulo, uma antologia com esse título, mas reunindo também trabalhos anteriores. A seqüência propriamente do *Discurso* são treze poemas de frases longas, numa linha já tradicionalmente minha, em que recorro sistematicamente à repetição, à redundância, à ênfase, numa forma de desdobramentos frásicos dentro do jogo popular do "quem conta um conto aumenta um ponto". Tomo sempre como título do poema o nome de um verso ou livro famosos, de Eliot, Santa Teresa de Ávila, Camões, Hoelderlin, Andrew Marvell, Maiakovski, Rimbaud, Cláudio Manoel da Costa, João Cabral de Melo Neto, a *Arte de Furtar* e Fernando Pessoa. Há uma paródia "ideológica", se se pode assim dizer, entre o título "apropriado" e a semântica do poema, que termina sempre com uma frase-conclusão em caixa-alta, como no "Pobre velha música":

O poeta falava e as pessoas o ouviam atentamente
O poeta falava e as pessoas costumavam ouvi-lo atentamente
O poeta falava e as pessoas costumavam ouvi-lo com alguma
atenção
O poeta falava e as pessoas às vezes o ouviam com alguma
atenção
O poeta falava e algumas pessoas o ouviam com alguma
atenção
O poeta falava mas raras pessoas o ouviam com alguma
atenção
O poeta falava e as pessoas o ouviam sem atenção
O poeta falava e as pessoas já não o ouviam
O poeta falava e as pessoas já o olhavam sem ouvir
O poeta mal fala e as pessoas já abrem a boca em fastio

A ATITUDE DIANTE DO POETA É O BOCEJO

Bem, prossegue a poesia e em 1980 eu publico o livro-poema *Masturbações*, numa tiragem limitadíssima e criação gráfica do meu compadre Sebastião Nunes, outra vez trabalhando comigo e com quem boleei o formato dessa série de poemas, formato que se desdobra todo, com um apelo visual muito grande, enfim, uma bonita edição. Mas a publicação me daria muita dor de cabeça, pois achavam que estava investindo contra as mulheres, num ato de agressão machista. A cronista Marina Colassanti, por exemplo, fez uma nota violenta, me atacando, numa revistinha feminista, *Revista Nova*, se não me engano. Pessoas aparentemente ponderadas, mas no fundo moralistas e frustradas, engrossaram o coro da incompreensão contra o que era apenas blague do poeta, sempre perpassado de humor na sua poesia. Eu glosava e gozava idealmente as chamadas mulheres-padrões, ou seja, padrões sexuais ou de apelo crótico, uma homenagem na verdade a todas as mulheres que simbolizam, de uma forma ou de outra, a obstinação masculina do desejo. Esse livro-poema foi agora reproduzido fac-similarmente no volume *O Visto e o Imaginado*, lançado na recente Bienal do Livro de São Paulo e também no IAB, aqui em Belo Horizonte, na importante coleção de poesia Signos, da Editora Perspectiva de São Paulo, coleção dirigida por Haroldo de Campos. Mas não precisamos ir ao novo livro para

conhecer algumas dessas *Masturbações*, pois aqui ofereço duas amostras:

por tarsila do amaral

comer o t
comer o ar
comer a sila

comer o que *se o bicho antropófago já*
comeu

por patricia galvão

gavião de penacho *acho patricia*
galvão no
galpão da revolução modernista *a*

garro patricia
galvão e bico seus bicos
gavião

O volume *O Visto e o Imaginado* inclui ainda a reprodução, também fac-similar, de mais três pequenos livros de anteriores tiragens limitadas. Assim o *Delírio dos Cinquent'anos*, publicado em Brasília, numa bela edição do artista plástico Evandro Salles, que, além de artista talentoso, com várias exposições no Brasil e nos Estados Unidos, soma a qualidade de filho do meu grande amigo Fritz Teixeira de Salles. Saiu pelas Edições Barbáric, uma coleção belíssima que o Evandro fazia com grande artifício criativo e excelentes fotomontagens. Outro livro incluído no volume da Perspectiva foi *O Belo e o Velho*, igualmente uma edição muito bem acabada graficamente pelo poeta e tipógrafo amador Cleber Teixeira, na Ilha de Santa Catarina. Da mesma forma foram reproduzidas as "Barrocolagens", montagens de poemas apropriados de minhas leituras barrocas e congêneres, uma das quais, centrada em sermões de Vieira, teve sucesso em Portugal, quando publicada pela primeira vez na *Revista Colóquio-Letras*, da Fundação Gulbenkian: "Os remédios do amor e o amor sem remédio..." Leio para vocês o poema

"Morte da memória pessoal", de *O Belo e o Velho*, poema muito comentado quando saiu em primeira mão no antigo "Folhetim" da "Folha de S. Paulo":

*não olhar para trás para o através
o atravessado o transitado o transc
orrido*

*trânsito de pus
apêndice supurado mito vomitado fe
zes da festa do ouro*

*escória
não espreitar pelo buraco da fechad
ura pela bruaca do acaso cano de de
scarga viés de veneziana*

*dobra de documento
teia de térmita teclado do tédio co
ntemporização do tempo*

*história
cortar rente o passado o passo dado
o papel pautado a pactuada paleog
rafia*

*palavreado
agnóstica de agostinho retórica de
rousseau amuo de amiel navegação de
nava*

*memória
não descer aos infernos eunuco de
euridices orfandade de orfeu solid
ão de sodomas*

*logro de lot
estátua de sal terra salgada dester
rada memória história*

escória

feito o teste de cooper

respire

O Visto e o Imaginado, que lidera e intitula o volume, é uma série de poemas que me foram sugeridos pela vivência com a Pampulha, uma vivência de juventude, mocidade, e uma vivência de maturidade. Passei parte da minha juventude tendo como lazer principal aquela parte então nova, atraente e privilegiada da cidade. Meu grupo, um grupo entre a adolescência e a mocidade - eu, Airton Almeida, Paulinho Santos, Eduardo Santos e alguns outros, esse meu grupo se reunia todo sábado e domingo na Casa do Baile, lugar de encantamento meio cinematográfico, meio Hollywood da época, onde se dançava, se bebia, se namorava, onde enfim se descobria a vida, nós, entre os dezoito e os vinte e um anos. Bem mais tarde, eu, já no meu cinquentenário, sessentenário "fim de carreira", fui trabalhar por três anos na Fundação João Pinheiro, revivendo em reflexões minhas imagens de juventude, interiorizando a Pampulha das paredes de vidro de minha sala, procurando redescobrir entre o verde da paisagem meio envelhecida e o reflexo das águas já poluídas aquele eu começo de homem, querendo agarrar o "viver por viver" entre o sonho do instante e a fome dos sentidos que despertavam. São poemas minimalistas, como se costuma dizer, poemas de síntese, concisos, ênfase de linguagem retomada da linha emblemática barroca de que já falei, epigramas talvez, emblemas para o olhar e a persuasão, barrocos sim, na lição de um Alciati, um Von Logau, do nosso Mathias Antônio Salgado exilado na São João del-Rei setecentista, emblema que no melhor modernismo brasileiro já dera, sem disso saber-se, o "poema-minuto" oswaldiano. Intermídia de figura e texto, bem ao gosto barroco, esta a idéia de *O Visto e o Imaginado*, idéia tão bem captada por Dileny Campos e Vanessa Tamietti no vídeo baseado no livro e que vocês verão agora, produto de competência e beleza. Mas num depoimento-antologia, num depoimento-repertório como este, não poderia deixar de falar, encerrando-o, dois dísticos, dois poemas ao menos de *O Visto e o Imaginado*:

casa do baile

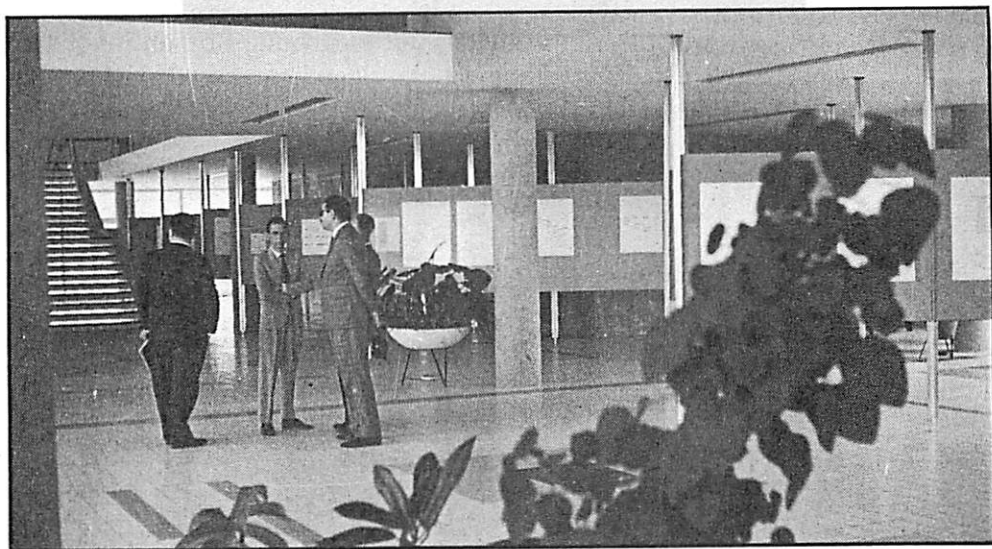
*menino e moço
já dancei*

fim de carreira

*não ganhei a palma do óscar
ganhei a prancheta de oscar*

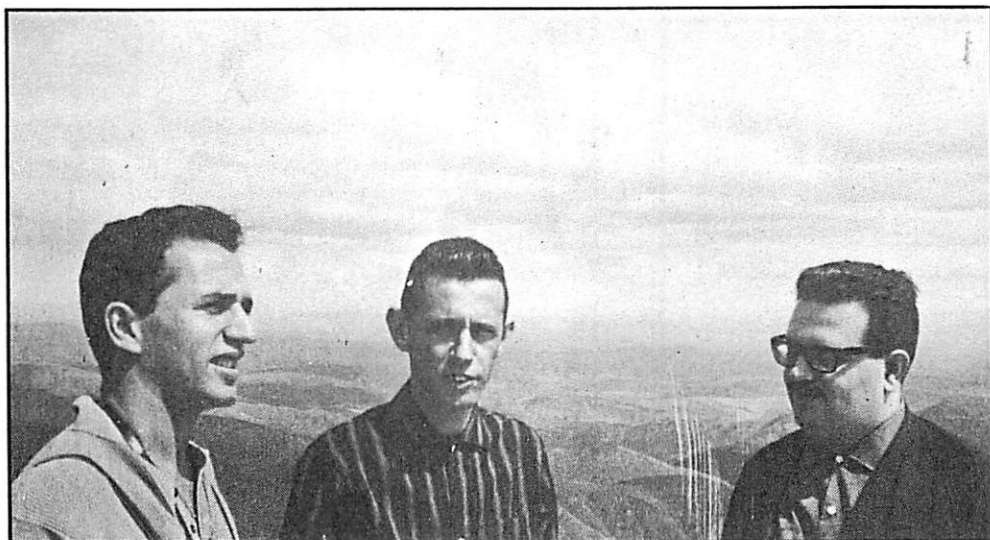
E obrigado a vocês pela paciência. Muito obrigado.

**(Depoimento realizado na Faculdade de Letras da UFMG
em 27 de Novembro de 1990)**



Affonso Ávila entre os poetas Augusto e Haroldo de Campos no saguão da Reitoria da UFMG, antes da abertura da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda (1963 - foto: Décio Pignatari)

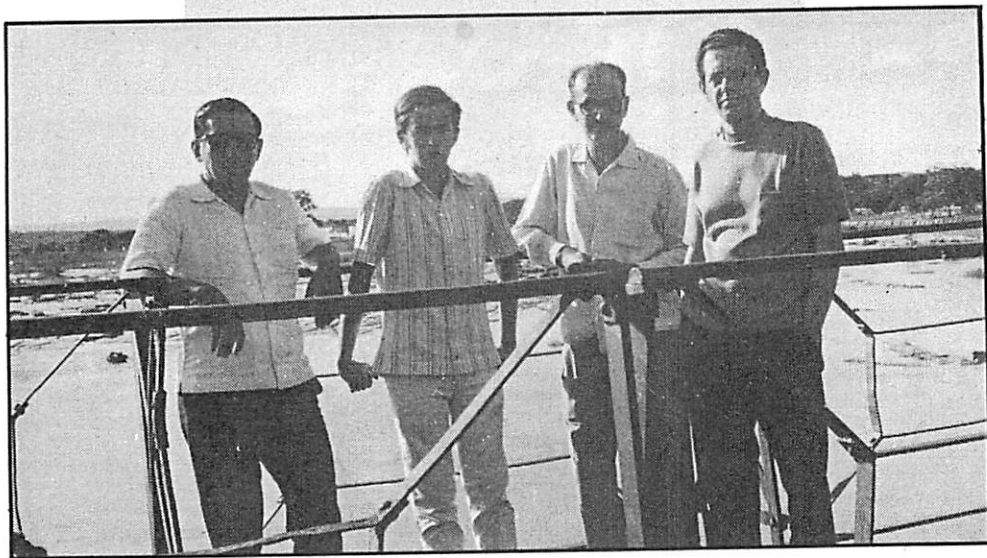
O poeta entre Luiz Costa Lima e Haroldo de Campos (1963)



Affonso e Laís em companhia do romancista francês Michel Butor (1967)

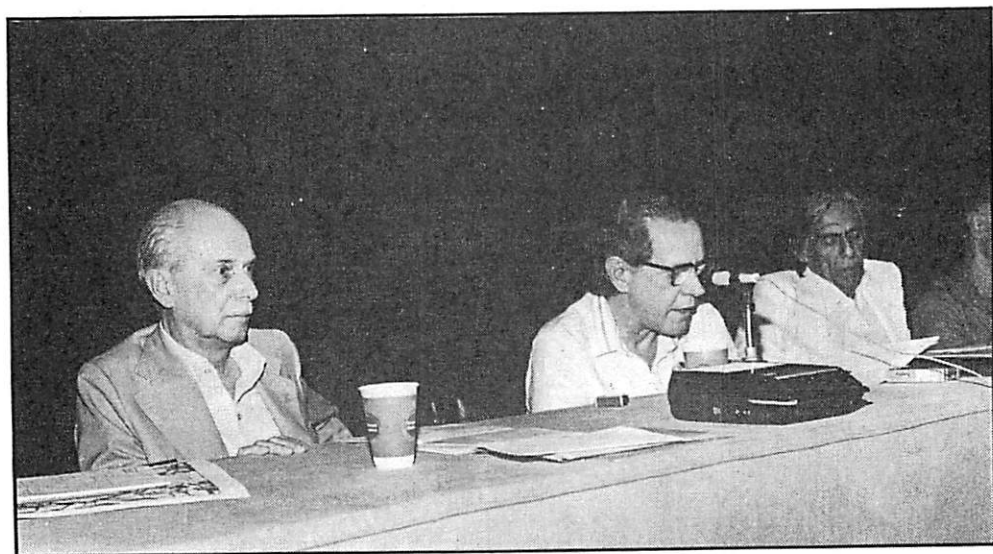
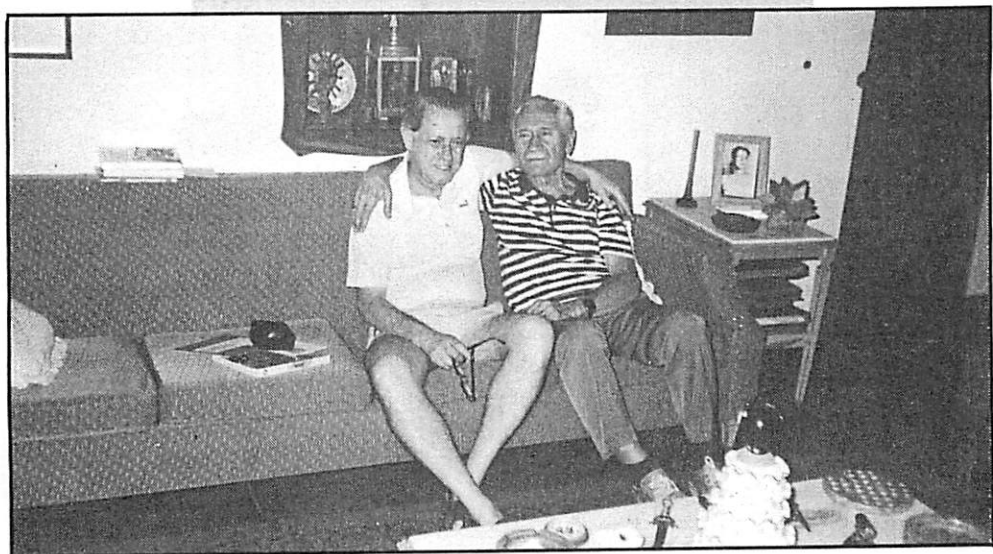
Da esquerda para a direita: Murilo Rubião, Roman Jakobson, Laís Corrêa de Araújo, Fábio Lucas, Ildeu Brandão, Rui Mourão e Affonso Ávila, quando da visita do linguista russo a Minas Gerais (1968)





O poeta com Francisco Iglésias, Ângelo Oswaldo e Rui Mourão,
num passeio de vapor no rio São Francisco (1971)

O poeta na fala de abertura do Congresso do Barroco
no Brasil, em Ouro Preto (1981)



Affonso Ávila recebendo em casa a visita do musicólogo Francisco Curt Lange (1982)

Affonso Ávila entre Antônio Cândido e Ferreira Gullar, durante mesa-redonda na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1982)

Na campanha democrática de Tancredo Neves, um grupo do Movimento de Intelectuais e Artistas: Murilo Rubião, Affonso Ávila (em pé, ao centro), Oswaldo França Júnior, Murilo Antunes, Roberto Drummond, Fernando Brant e Manoel Lobato (1982)

O poeta com o historiador das artes francês Germain Bazin, por ocasião do II Congresso do Barroco no Brasil, em Ouro Preto (1989 - foto: Ângelo Oswaldo)



AFFONSO AVILA

O AÇUDE

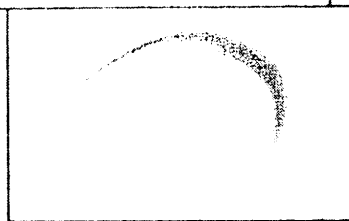
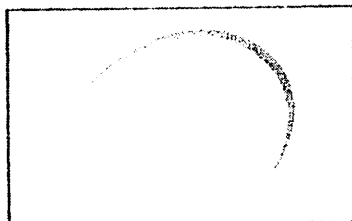
e

Sonetos da descoberta

SANTELMO
POESIA

Capa do primeiro livro - 1953

AFFONSO ÁVILA



O VISTO E O IMAGINADO



EDITORA PERSPECTIVA
25 Anos



edusp

Capa último livro - 1990

Trecho do Discurso da Difamação do Poeta Tradução de Ludwig Graf von Schönfeldt

Der Dichter pflegt im Palast mit dem Gouverneur und dessen Gästen zu speisen
Der Dichter speist stets im Palast mit dem Gouverneur und dessen Gästen
Wenn der Dichter im Palast speist, freut dies den Gouverneur und dessen Gäste
Der Dichter erheitert bei den Banketts im Palast den Gouverneur und dessen Gäste
Der Dichter unterhält den Gouverneur und dessen Gäste
Der Dichter bringt den Gouverneur und dessen Gäste zum Lachen

DER DICHTER IST EIN HOFNARR DES SYSTEMS

9. *Psychologie der Rede*

Der Dichter artikuliert langsam die Worte und die Leute glauben, zwischen ihnen lange Pausen des Nachdenkens und des Schweigens zu bemerken
Der Dichter artikuliert langsam die Worte und die Leute bemerken zwischen ihnen lange Pausen des Speicheln und des Schweigens
Der Dichter sucht langsam nach den Worten und die Leute bemerken zwischen ihnen lange Pausen des Speicheln
Der Dichter spricht mühsam und scheint die Worte zu kauen und einzuspeicheln
Der Dichter spricht sehr mühsam und sein Mund ist voller Speichel
Der Dichter kann nicht sprechen und kaut fröhlich die Worte
Der Dichter kaut die Worte als kaue er Kaugummi

DER DICHTER IST EIN WORTE-WIEDERKÄUER

10. *Die Kunst zu klauen*

Der Dichter erklärte, daß im ständigen sprachlichen Prozeß der Dichtung jede Schöpfung anderen Schöpfungen verpflichtet ist
Der Dichter behauptete, daß im sprachlichen Prozeß der Dichtung jeder Schöpferische anderen verpflichtet ist
Der Dichter gestand, in der Sprache seiner Dichtung ein Anderen verpflichteter Schöpfer zu sein

Der Dichter verheimlicht nicht, daß seine Dichtung der Sprache anderer Schöpfer verpflichtet ist
Der Dichter verheimlicht nicht, daß seine Dichtung von der Sprache anderer Schöpfer beeinflusst ist
Der Dichter macht kein Geheimnis daraus, daß er die Sprache anderer Dichter benutzt
Der Dichter gibt offen zu, daß er sich der Sprache anderer Dichter bemächtigt
Der Dichter ist ein unverschämter Aneigner anderer Sprachen

DER DICHTER IST EIN PLAGIATOR

11. *Arme alte Musik*

Der Dichter sprach und die Menschen hörten ihm aufmerksam zu
Der Dichter sprach und die Menschen pflegten ihm aufmerksam zuzuhören
Der Dichter sprach und die Menschen pflegten ihm mit einiger Aufmerksamkeit zuzuhören
Der Dichter sprach und die Menschen hörten ihm mitunter mit einiger Aufmerksamkeit zu
Der Dichter sprach und einige Menschen hörten ihm mit einiger Aufmerksamkeit zu
Der Dichter sprach, aber nur wenige Menschen hörten ihm mit einiger Aufmerksamkeit zu
Der Dichter sprach und die Menschen hörten ihm ohne Aufmerksamkeit zu
Der Dichter sprach und die Menschen hörten ihm nicht mehr zu
Der Dichter sprach und die Menschen sahen ihn an, ohne ihm zuzuhören
Der Dichter spricht schlecht und die Menschen gähnen vor Langeweile

IN GEGENWART DES DICHTERS WIRD NUR NOCH GEGÄHNT

übersetzt von
Ludwig Graf von Schönfeldt

CIRCUITO HISTÓRICO

- percorrido o princípios da ruína
- percorrido o percurso da ruína
- percorrido o perímetro da ruína
- percorrido o percalço da ruína
- percorrido o vestígio da ruína

conhecido no currículo da ruína
conhecido na corrente da ruína
conhecido no contexto da ruína
conhecido no contexto da ruína

trajeto sob a rota da ruína
trajeto sob a roda da ruína
trajeto sob a roca da ruína

trajeto pelos ímãs da ruína
trajeto pelos ídolos da ruína

o onde os da ruína

João Avila

CÓDIGO DE MINAS

PSICOLOGIA DA COMPOSIÇÃO

- poeta articula lentamente as palavras e a gente parece perceber entre uma e outra longos espaços de reflexão e silêncio
- poeta articula lentamente as palavras e a gente percebe entre uma e outra longos espaços de salivação e silêncio
- poeta pronuncia lentamente as palavras e a gente percebe entre uma e outra longos espaços de salivação
- poeta fala com dificuldade parecendo mastigar e salvar as palavras
- poeta fala com muita dificuldade e a boca cheia de saliva
- poeta não sabe falar e mastiga jocosamente as palavras
- poeta mascara as palavras como se mascasse chicletes
- POETA É UM RUMINANTE DE PALAVRAS

Adilson Avilz

DISCURSO DA DIFAMAÇÃO DO POETA

CRONOLOGIA

1928

- Nasce em Belo Horizonte, a 19 de janeiro, único filho homem de Lindolpho de Ávila e Silva e Liberalina de Barros Ávila, mineiros de Itaverava.

1942

- Excursão estudantil a São Paulo.

1944

- Temporada com o pai, na mata atlântica do Rio Doce.

1948

- Primeira viagem ao Rio de Janeiro.
- Interrompe os estudos regulares, para tratamento de saúde.

1949

- Primeira estada na cidade de Ouro Preto.

1950

- Começa a colaborar regularmente na imprensa literária, assinando, com Fábio Lucas, a secção "Tribuna das Letras" no Suplemento do *Diário de Minas*.

1951

- Funda e dirige, com Fábio Lucas, Rui Mourão, Laís Corrêa de

Araujo, Cyro Siqueira e outros jovens, a revista de novos *Vocações*.

- Participa, em Porto Alegre, do IV Congresso Brasileiro de Escritores, quando conhece Graciliano Ramos e o compositor Lupicínio Rodrigues.
- Curta atuação profissional em São Paulo.
- Visita a I Bienal, quando trava amizade com o poeta Murilo Mendes e a escultora Mary Vieira.

1952

- É nomeado Auxiliar de Gabinete do Governador Juscelino Kubitschek.
- Casa-se com a poetisa Laís Corrêa de Araujo, com quem terá cinco filhos: Paulo, Myriam, Carlos, Cristina e Mônica.

1953

- Publica *O Açude e Sonetos da Descoberta* e obtém o Prêmio Othon Lynch Bezerra de Mello.

1954

- Participa do Congresso Internacional de Escritores comemorativo do IV Centenário de São Paulo, quando trava amizade com o poeta João Cabral de Melo Neto.

1955

- Participa da campanha presidencial de Juscelino Kubitschek.

1956

- Integra o grupo de escritores mineiros que vão para o Rio de Janeiro com o presidente eleito Juscelino Kubitschek, mas retorna a Minas Gerais.

1957

- A convite de Antônio Cândido e Décio de Almeida Prado, passa a assinar, no novo Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, a *Crônica de Belo Horizonte*.
- Integra, com Fábio Lucas, Rui Mourão e Fritz Teixeira de Salles,

a revista *Tendência*, que logo alcança repercussão nacional.

1959

- Recebe o registro de jornalista profissional.

1960

- Assume o cargo de diretor do jornal *Folha de Minas*.
- Primeira visita à nova capital, Brasília, ainda em construção.
- Conhece o filósofo Jean Paul Sartre, em sua visita a Minas Gerais.

1961

- Publica *Carta do Solo* e obtém os Prêmios de Poesia "Cidade de Belo Horizonte" e "Cláudio Manoel da Costa".
- Participa do II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, em Assis, SP, onde inicia, com os poetas Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, o diálogo "Tendência-Concretismo", e trava amizade com o filósofo Benedito Nunes.

1962

- Inicia colaboração na revista de arte de vanguarda *Invenção*, do grupo concretista de São Paulo.
- Publicação em Madri da tradução espanhola de *Carta sobre a Usura*, por Ángel Crespo.
- Participa, no Rio de Janeiro, de reuniões do Centro Popular de Cultura (CPC), visando à formação de uma frente de vanguarda participante.

1963

- Assume a editoria do Suplemento Dominical do *Estado de Minas*, que lança toda uma nova geração de escritores mineiros.
- Organiza, por incumbência do reitor da UFMG, prof. Orlando de Carvalho, a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, de que participam, além de poetas mineiros, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Benedito Nunes, Pedro Xisto, Roberto Pontual, Luiz Costa Lima e Paulo Leminski.
- Publica o poema-cartaz *Frases-Feitas*.

1964

- É demitido do jornal *Estado de Minas*.
- Pronuncia, na Faculdade de Direito da UFMG, a conferência "Iniciação didática à poesia de vanguarda".
- Aproveitando-se de temporada de repouso médico, inicia suas pesquisas sobre o barroco.

1965

- Obtém, com o ensaio inédito *Resíduos Seiscentistas em Minas*, o Prêmio de Erudição "Cidade de Belo Horizonte".

1966

- O Teatro de Câmara de Hollywood apresenta, naquela cidade americana, um festival bilíngüe de poesia brasileira, patrocinado pela University of California at Los Angeles, com a oralização do poema "As Viúvas de Caragoatá".

1967

- Publica *Resíduos Seiscentistas em Minas*, com lançamento na Reitoria da UFMG.
- Encontro com o poeta italiano Giuseppe Ungaretti, em visita a Minas Gerais.
- Com Laís, acompanha o romancista francês Michel Butor em visita a cidades históricas mineiras.

1968

- Recebe, em Brasília, o Prêmio Nacional de Ensaio pelo livro *Resíduos Seiscentistas em Minas*.
- Palestra no Festival de Poesia de Pirapora e visita, com Laís, ao sítio histórico de Barra do Guaicui.
- Palestra em Goiânia, na II Semana Goiana de Poesia Moderna.
- Visita, com Laís, à cidade histórica de Goiás Velho.
- Organiza, com Vinícius de Moraes, Murilo Rubião, Domitila do Amaral e Eloy Heraldo Lima, a Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP).
- Com Laís, acompanha o lingüista Roman Jakobson em visita a cidades históricas mineiras.

1969

- Publica, pela Vozes de Petrópolis, *O Poeta e a Consciência Crítica*.
- Publica, no Rio de Janeiro, pela Civilização Brasileira, *Código de Minas & Poesia Anterior*.
- Funda, dirige e lança, no Festival de Inverno de Ouro Preto, o 1º número da revista especializada *Barroco*, editada pela UFMG.
- Lança, em Diamantina, a edição especial que organizou, para o Suplemento Literário do *Minas Gerais*, comemorativa do centenário das *Memórias do Distrito Diamantino*, de Joaquim Felício dos Santos.
- Encontro com a poetisa portuguesa Ana Hatherly, em visita a Minas Gerais.
- Encontro com o lingüista Tzvetan Todorov, em visita a Minas Gerais.

1970

- Publica, na revista *Barroco* nº 2, o ensaio "O Elemento Lúdico nas Formas de Expressão do Barroco".

1971

- Coordena e lança, pela Editora Vozes, a Coleção Poetas Modernos do Brasil.
- Elabora o projeto de criação do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA/MG).
- Publica, em São Paulo, pela Coleção Debates da Editora Perspectiva, *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*, com lançamento nacional em Belo Horizonte.
- A Reitoria da UFMG realiza a "Exposição Didática sobre Affonso Ávila", coordenada pelo prof. Moacyr Laterza.

1972

- Coordena e dirige, no Festival de Inverno de Ouro Preto, o Curso comemorativo do Cinquentenário da Semana de Arte Moderna, promovido pela UFMG.
- Vencendo barreiras políticas da época, consegue imprimir, em tiragem limitada, o *Código Nacional de Trânsito*.

- Com Laís, recebe em casa o poeta Murilo Mendes, então em visita ao Brasil.

1973

- É convidado a integrar a equipe do Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto/Mariana, da UNESCO/Fundação João Pinheiro.
- Participa do Seminário sobre o Teatro, do Festival de Inverno de Ouro Preto, promovido pela UFMG.
- O Museu de Arte Moderna de São Paulo apresenta o audiovisual "Carta de Minas", de Frederico Moraes, baseado no poema "Trilemas da Mineiridade".
- Conferência "Da linguagem barroca ao discurso reto. Dois sermões na Vila Real do Sabará", no Museu do Ouro, Sabará.

1974

- Atuação profissional na cidade de Ouro Preto.
- Organiza, para o Ministério da Fazenda, o Centro de Estudos do Ciclo do Ouro (CECO), na Casa dos Contos, em Ouro Preto.
- Participa, no Rio de Janeiro, do I Encontro Nacional de Professores de Literatura, promovido pela PUC/RJ.
- Realiza, com Laís, prolongada viagem, percorrendo o circuito das cidades históricas do Nordeste, de Salvador ao Porto de Cabedelo, na Paraíba.
- Pronuncia, na Associação Médica de Minas Gerais, a convite do XI Congresso Brasileiro de Cirurgia Plástica, a conferência "Iniciação ao barroco mineiro".

1975

- Publica, em edição artística para assinantes, a *Cantaria Barroca*, homenagem ao centenário da publicação, em Ouro Preto, do *Elixir do Pajé*, de Bernardo Guimarães.
- Participa, no Rio de Janeiro, do II Encontro Nacional de Professores de Literatura, promovido pela PUC/RJ.
- Curt Meyer-Clason publica, em antologia de poesia brasileira lançada em Munique, tradução alemã de poemas do *Código de Minas*.

- O Teatro da Fundação Álvares Penteado, de São Paulo, apresenta audição da composição musical de Gilberto Mendes baseada no poema "Motetos à Feição de Lobo de Mesquita".
- É eleito para o Conselho Universitário da UFMG.

1976

- A revista *Colóquio-Letras*, da Fundação Gulbenkian, publica em Lisboa o *Discurso da Difamação do Poeta*.

1977

- Inicia, com equipe da Fundação João Pinheiro, o levantamento dos Bens Culturais dos Circuitos do Ouro e do Diamante.
- Recebe título de benemérito cultural da cidade de Sabará.
- Eleito membro da secção brasileira do Comitê Internacional de História da Arte, vinculado à UNESCO.

1978

- Publica, em São Paulo, pela Editora Summus, a Antologia *Discurso da Difamação do Poeta*.
- Apresentada no Festival de Música de Santos, SP, a composição de Willy Corrêa de Oliveira baseada no poema "Passos da Paixão".

1979

- Publica, no Rio de Janeiro, com a colaboração dos arquitetos João Marcos Machado Gontijo e Reinaldo Guedes Machado, *Barroco Mineiro/Glossário de Arquitetura e Ornamentação*.
- Participa, com Pedro Nava, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e outros escritores, de mesa-redonda sobre o Modernismo em Minas.

1980

- Assume a Superintendência de Pesquisa e Tombamento do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA/MG).
- Publica o poema-livro *Masturbações*.
- Curt Meyer-Clason publica, em antologia de autores latino-

americanos, editada em Munique, a tradução alemã de *Discurso da Difamação do Poeta*, feita por Ludwig Graf von Schonfeldt.

- Diploma do "Achievement International Recognition", Genebra, Suíça.

1981

- Preside, em Ouro Preto, o I Congresso do Barroco no Brasil/Arquitetura e Artes Plásticas, de que é um dos organizadores.
- Publica os poemas-montagem *Barrocolagens*, em separata da revista *Barroco* nº 11.
- Recebe título de cidadão honorário do município de Itaverava.
- Visita ao histórico Santuário do Bom Jesus do Bacalhau, na Mata do Piranga.
- O compositor Luís Augusto Rescala apresenta, na Sala Funarte Sidney Miller de Música Contemporânea, no Rio de Janeiro, peça musical baseada em *Discurso da Difamação do Poeta*.

1982

- Participa, em São Paulo, da I Bienal Nestlé de Literatura, da qual se retira em protesto contra os ataques às vanguardas dos anos 60.
- Integra a campanha democrática de Tancredo Neves ao Governo de Minas.
- Participa, no Rio de Janeiro, de mesa-redonda com Antônio Cândido e Ferreira Gullar, promovida pelo II Congresso da Faculdade de Letras da UFRJ, pronunciando a palestra "A Tradição do Novo".

1983

- Recebe título de benemérito cultural da cidade de Ouro Preto.
- É nomeado diretor da Fundação João Pinheiro.
- O Suplemento Literário do *Minas Gerais* lança a edição especial "Affonso Ávila 30 anos de poesia".
- É voto vencido na Comissão de Avaliação do Cine Metrôpole, ao colocar-se na defesa do tombamento e preservação daquele que fora o antigo Teatro Municipal de Belo Horizonte.
- Título de Personalidade Cultural do Ano, atribuído pela União

Brasileira de Escritores, secção do Rio de Janeiro.

- A TVE do Rio de Janeiro apresenta, em circuito nacional, o "Especial - Literatura - Affonso Ávila".

1984

- Promove, sob os auspícios da Fundação João Pinheiro, o Seminário nacional Sociedade, Cultura e Tecnologia.
- Participa da criação do Centro de Pesquisas do Barroco Mineiro.
- Preside, em Sabará, o I Encontro Mineiro de Pesquisadores do Barroco.
- Publica, em São Paulo, pela Editora Nobel, *Iniciação ao Barroco Mineiro*, com a colaboração da filha e historiadora Cristina Ávila.
- Publica, em Brasília, pelas Edições Barbárie, a edição artística de *Delírio dos Cinquent'anos*.

1985

- Participa, em São Paulo, do Congresso Brasileiro de Escritores, integrando a Comissão da Carta de Princípios.
- Atuação profissional em Brasília, como assessor especial do Ministro da Cultura, prof. Aluísio Pimenta.
- Participa, em Brasília, do I Seminário do Ministério da Cultura.
- Preside o II Encontro Mineiro de Pesquisadores do Barroco, na cidade de Tiradentes.
- Encontro com o poeta mexicano Octavio Paz, em visita a Minas Gerais.

1986

- Designado diretor da revista de ciências sociais aplicadas, *Análise & Conjuntura*, da Fundação João Pinheiro.
- Preside o III Encontro Mineiro de Pesquisadores do Barroco, na cidade de Mariana, onde profere palestra sobre "A circularidade cultural no período barroco mineiro".
- "Triunfo - Um delírio barroco". espetáculo de dança-teatro-música, com direção de Carmen Paternostro e Companhia de Dança do Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Roteiro de Paulinho Assumpção, baseado nos livros *Resíduos Seiscentistas em Minas e Cantaria Barroca*.

1987

- Submete-se a intervenção cirúrgica.
- Especialmente convidado, envia a comunicação "Visual Forms in Brazilian Baroque Poetry" à Internationalen Fachkonferenz "Visuelle Poesie im Historischen Wandel", Wolfenbüttel, Alemanha Ocidental, que é lida ali, em seu nome, pela filha Myriam Ávila, doutoranda da Universidade de Kassel, RFA.
- Publica, em Santa Catarina, pela Editora Noa Noa, a edição artística de *O Belo e o Velho*.

1988

- Profero, sob o título "As Minas Gerais: condicionantes de um processo urbano-cultural", a aula inaugural dos cursos de Filosofia e Teologia do Instituto de Estudos Superiores da Companhia de Jesus.
- Conferência "Festa barroca: ideologia e estrutura", no curso de pós-graduação em Barroco da Universidade Federal de Ouro Preto.
- Lançamento do vídeo "Rito e Expressão", de Eder Santos, com roteiro de Cristina Ávila e Maria do Carmo Andrade Gomes, baseado em poema da *Cantaria Barroca*.
- Por motivos políticos, é demitido da Fundação João Pinheiro.

1989

- Conferência "Inconfidência: Projeto de nação possível", no Seminário Inconfidência Mineira e Revolução Francesa - Bicentenário - 1789/1989, da Fundação João Pinheiro, em Ouro Preto.
- Preside, em Ouro Preto, o II Congresso do Barroco no Brasil/Arquitetura e Artes Plásticas.
- Encontro, em Ouro Preto, com o historiador francês das artes Germain Bazin, a quem saúda na festa de seus 80 anos.
- Recebe título de benemérito cultural da cidade de Tiradentes.

1990

- Aposentado, passa a dedicar-se com prioridade à literatura.
- Lança, em São Paulo, na 11ª Bienal Internacional do Livro, *O*

Visto e o Imaginado, pela Editora Perspectiva, na Coleção Signos, dirigida por Haroldo de Campos.

- Lançamento, no Instituto dos Arquitetos do Brasil, em Belo Horizonte, de *O Visto e o Imaginado* e do vídeo do mesmo título, de Dileny Campos e Vanessa Tamietti, baseado no livro.
- Depoimento sobre sua obra na Faculdade de Letras da UFMG.

1991

- Conclui o novo livro de poemas, *Infãustica*.
- *O Visto e o Imaginado* é distinguido com o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, como o melhor livro de poesia publicado no país em 1990.
- Preside o V Encontro Mineiro de Pesquisadores do Barroco, na cidade de Sabará.
- O grupo vocal "Nós & Voz" lança o disco "Hum", com música baseada no *Código Nacional de Trânsito*.

1992

- Preside, em Ouro Preto, a abertura do II Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, promovido pelo Centro de Pesquisas do Barroco Mineiro.
- O compositor Harry Crawl lança, pela Sony Music, Rio de Janeiro, o disco "Memento Mori", com composição baseada nas *Barrocolagens*.

BIBLIOGRAFIA DE AFFONSO ÁVILA

A bibliografia de Affonso Ávila e sobre sua obra sobe a cerca de 1.000 títulos, somando-se trabalhos publicados em livros, periódicos e separatas, bem como publicações especiais, livros, estudos universitários, artigos e noticiário de imprensa com referências específicas ou genéricas a respeito do autor. Em face desse volume de informações, optou-se aqui pela apresentação de uma bibliografia quanto possível básica.

AUTORIA E CO-AUTORIA

1. POESIA

- 1.1 - ÁVILA, Affonso. *O açude e sonetos da descoberta*. Belo Horizonte: Santelmo-Poesia, 1953.
- 1.2 - _____. *Carta do solo*. Belo Horizonte: Tendência, 1961. (Reunindo *Carta do Solo*, *Outra Poesia* e *Glosa da Primavera*.)
- 1.3 - _____. *Carta sobre la usura*. Trad. espanhola de Angel Crespo. **Revista de Cultura Brasileña**, Madrid, 1962.
- 1.4 - _____. *Frases-Feitas*. Belo Horizonte: [s.n.], 1963. (Poesia 1).
- 1.5 - _____. *Gertrude's instante*. Poema postal. Porto: [s.n.], 1969. (Coleção Gêmeos, 7). (Ilustração: Linóleo, de Marco.)

- 1.6 - _____. *Código de Minas & poesia anterior*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. (Coleção Poesia Hoje, 17). (Série Poetas Brasileiros). (Reunindo *Código de Minas*, *Carta sobre a Usura*, *Carta do Solo*, *Outra Poesia*, *Sonetos da Descoberta e O Açude*).
- 1.7 - _____. *Código nacional de trânsito*. Belo Horizonte: Edições 1300, 1972.
- 1.8 - _____. *Cantaria barroca*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: [s.n.], 1975. (Edição para assinantes). (Programação gráfica de Sebastião Nunes, fotos de Maurício Andrés e capa reproduzindo trabalho do pedreiro Vado Ribeiro, no adro da Capela do Morro de Sant'Ana, em Ouro Preto.)
- 1.9 - _____. *Discurso da difamação do poeta*. **Revista Colóquio-Letras**, Lisboa, n.30, 1976.
- 1.10 - _____. *Discurso da difamação do poeta: antologia*. São Paulo: Summus Editorial, 1978. (Coleção Palavra Poética, 1). (Reunindo 13 poemas de *Código de Minas*, sendo dois com partes inéditas, e integralmente *Código Nacional de Trânsito*, *Cantaria Barroca* e *Discurso da Difamação do Poeta*).
- 1.11 - _____. *Video-tape (ou fita-prontuário de leads apropriados de jornais mineiros)*. **Revista Brasileira de Língua e Literatura**, Rio de Janeiro, n.2, 1979.
- 1.12 - _____. *Masturbações*. Belo Horizonte: Edições 1300, 1980. (Programação visual de Sebastião Nunes).
- 1.13 - _____. *Barrocolagens*. Separata de *Barroco 11*, Belo Horizonte, n.11, 1981.
- 1.14 - _____. *Delírio dos cinqüent'anos*. Brasília: Edições Barbárie, 1984. (Colagens de Evandro Salles.)
- 1.15 - _____. *O belo e o velho*. Ilha de Santa Catarina: Editora Noa Noa, 1987. (Concepção gráfica e capa de Cleber Teixeira.)
- 1.16 - _____. *O visto e o imaginado*. São Paulo: Perspectiva, 1990. (Coleção Signos, 12). (Estudo gráfico de Sérgio Luz de Souza Lima. Reunindo *O Visto e o Imaginado*, com desenhos de Maria do Carmo Secco, e, em fac-símile, *O Belo e o Velho*, *Delírio dos Cinqüent'anos*, *Masturbações* e *Barrocolagens*).

2. ENSAIO

- 2.1 - ÁVILA, Affonso. *Resíduos seiscentistas em Minas*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais. 1967. 2v. (Com a edição crítica e fac-similar do *Triunfo Eucharistico*, Lisboa, 1734, e *Aureo Throno Episcopalis*, Lisboa, 1749).
- 2.2 - _____. *O poeta e a consciência crítica*. Petrópolis: Vozes, 1969. (Coleção Nosso Tempo, 7).
- 2.3 - _____. *O poeta e a consciência crítica*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Summus Editorial, 1978.
- 2.4 - _____. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1971. (Coleção Debates, 35).
- 2.5 - _____. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980. (Coleção Debates, 35).
- 2.6 - _____. *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975. (Coleção Stylus, 1). (Coordenação e organização, incluindo Introdução de Affonso Ávila e ensaio de sua autoria "Do barroco ao modernismo: o desenvolvimento cíclico do projeto literário brasileiro").

3. PESQUISA

- 3.1 - ÁVILA, Affonso. *O teatro em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX*. Ouro Preto: Secretaria Municipal de Turismo e Cultura/Museu da Prata, 1978.
- 3.2 - _____. *Barroco mineiro: Glossário de arquitetura e ornamentação*. Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro/Fundação Roberto Marinho, 1979. (Em colaboração com os arquitetos João Marcos Machado Gontijo e Reinaldo Guedes Machado).
- 3.3 - _____. *Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1980.
- 3.4 - _____. *Iniciação ao barroco mineiro*. São Paulo: Nobel, 1984 (Com a colaboração da historiadora Cristina Ávila).

- 3.5 - _____. *Minas Gerais/Monumentos históricos e artísticos - Circuito do Diamante*. Belo Horizonte. Fundação João Pinheiro. [s.d.]. (Inédito).(Coordenação e redação definitiva).

4. PUBLICAÇÕES EM ANTOLOGIAS NO BRASIL

- 4.1 - ALVES, Henrique L. *Poetas contemporâneos*. São Paulo: Roswitha Kempf/Editores, 1985. (Referência nas p.123-4, 200.)
- 4.2 - AYALA, Walmir. *A novíssima poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Série Cadernos Brasileiros, 2, 1962.(Referência nas p.12-13.)
- 4.3 - BANDEIRA, Manuel, AYALA, Walmir. *Antologia de poetas brasileiros* (Depois do Modernismo). Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967. (Referência nas p.291-4.)
- 4.4 - CAMPOS, Milton de Godoy. *Antologia poética da geração de 45*. São Paulo: Clube de Poesia, 1966. (Referência nas p.196-7.)
- 4.5 - COUTINHO, Afrânio. *Antologia brasileira de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de Livros Escolares, 1966. v.II. (Referência na p.249.)
- 4.6 - SILVEIRA, Maria Helena. *Comunicação, expressão e cultura brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1973. v.4. (Referência nas p.83-4.)

5. PUBLICAÇÕES EM ANTOLOGIAS E TRADUÇÕES NO EXTERIOR

- 5.1 - SILVA, Alberto da Costa e. *A nova poesia brasileira*. Lisboa: Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil,1960. (Referência nas p.10-2, 297. Inclusão dos poemas Soneto para Jones Rocha, Narciso Entediado. Primeiro e Segundo Sonetos à Amada Gestante.)
- 5.2 - *Carta sobre la Usura*. - Ver item 1.3.
- 5.3 - NUEVA poesia de Brasil/8 poetas de vanguardia de Minas Gerais. *Revista Parva*, México, n.2, 1965. (Inclui *Carta sobre la Usura*, em tradução de Abigail Bohorquez e Carlos Nieto.)

- 5.4 - La Academia cultista del *Áureo Trono*. **Revista de Cultura Brasileña**, Madrid, n.25, p.97-151, jun. 1968. (Tradução de capítulo do livro *Resíduos Seiscentistas em Minas*.)
- 5.5 - *Gertrude's instante*. Ver item 1.5.
- 5.6 - FIGUERA, Gastón. *Poesía brasileña contemporánea (1920-68)*. Montevideo: Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño, 1969 (Referência nas p.317-9. Inclusão bilingüe de Segundo Soneto à Amada Gestante.)
- 5.7 - TELES, Gilberto Mendonça. *La poesía brasileña en la actualidad*. Montevideo: Editorial Letras, 1969. (Referência nas p.72, 82, 95 e 111. Inclusão de fragmento de Carta sobre a Usura.)
- 5.8 - MEYER-CLASON, Curt. **Brasilianische Poesie des 20. Jahrhunderts**. Munchen: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1975. (Referência nas p.134-7 e 165-6. Tradução alemã de Curt Meyer-Clason, do fragmento Jogo de Cena, da Constelação das Grandes Famílias, e do poema Rotinomontagem.)
- 5.9 - FIGUEIREDO, José Valle de. *Antologia da poesia brasileira*. Lisboa: Editorial Verbo, 1970. (Referência nas p.216-9. Inclusão dos poemas Teoria dos Coroas e Carta do Solo).
- 5.10 - REVISTA HUMBOLDT. Munchen: F. Bruckmann Verlag, n.31, 1975. (Com a publicação bilingüe do fragmento Elaboração da Fome, de Carta sobre a Usura, em tradução alemã de Maria Lysia Corrêa de Araujo).
- 5.11 - MEYER-CLASON, Curt. (Herausgegeben von). *Unsere Freunde die Diktatoren/Lateinamerikanische Schriftsteller*. Munchen: Verlag Autoren Edition, 1980. (Referência nas p.200-5 e 284. Tradução alemã integral de Discurso da Difamação do Poeta, por Ludwig Graf von Schonfeldt).
- 5.12 - ÁVILA, Afonso. *A brief introduction to Minas baroque*. New York, Dec. 81 (Como apresentação da exposição "The Baroque Art of Minas". Versão para o inglês de Myriam Ávila).
- 5.13 - *Discurso de difamación del poeta*. (Fragmentos). Trad. Jesús J. Barquet. **Mariel-Revista de Literatura y Arte**. New York, n.5, p.24, Spring 1984.

6. CONFERÊNCIAS, COMUNICAÇÕES E TRABALHOS AFINS

- 6.1 - ÁVILA, Affonso. *Iniciação didática à poesia de vanguarda*. Belo Horizonte: Faculdade de Direito da UFMG, 1964. (Conferência. Texto incluído no livro *O Poeta e a Consciência Crítica*. Eds. cit.)
- 6.2 - *O barroco e uma linha de tradição criativa: Comunicação ao Seminário do I Festival do Barroco*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1968. Separata da Revista *Universitas*, n.2, 1968.
- 6.3 - *Do barroco ao modernismo: o desenvolvimento cíclico do Projeto Literário Brasileiro*. Ouro Preto: UFMG, 1972. (Roteiro de aula para o Curso de Literatura do VI Festival de Inverno da UFMG, comemorativo do cinquentenário da Semana de Arte Moderna. Texto incluído no livro *O Modernismo*, ed. cit.)
- 6.4 - *Da linguagem barroca ao discurso reto. Dois sermões na Vila Real do Sabará*. Separata de *Barroco*. Belo Horizonte, n.5, 1973. (Conferência no Museu do Ouro, Sabará/MG, 1973.)
- 6.5 - *Sob o signo de Calderón. O teatro na formação cultural de Minas*. Ouro Preto: UFMG, 1973. (Texto apenso ao Catálogo do VII Festival de Inverno da UFMG. Em livro: *O Teatro em Minas Gerais: Séculos XVIII e XIX*, ed. cit.)
- 6.6 - *Casa dos Contos*. Rio de Janeiro: Ministério da Fazenda, 1974. (Texto com desenhos de Myriam Ávila. Uma 2ª edição deste trabalho foi publicado em Ouro Preto, durante o Congresso do Barroco no Brasil, em 1981.)
- 6.7 - MINAS GERAIS. História Cultural. In: ENCICLOPÉDIA Mirador. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1975. Capítulo: Minas Gerais.
- 6.8 - *Pequena iniciação ao barroco mineiro*. Separata de *Barroco*. Belo Horizonte, n.7, 1975. (Conferência na Associação Médica de Minas Gerais, a convite do XI Congresso Brasileiro de Cirurgia Plástica. Belo Horizonte, 1974. Texto incluído no livro *Iniciação ao Barroco Mineiro*, ed. cit.)

- 6.9 - *Igrejas e capelas de Sabará - evolução histórica e artística. Separata de Barroco*. Belo Horizonte, n.8, 1976. (Texto incluído em parte no-livro *Iniciação ao Barroco Mineiro*, ed. cit.)
- 6.10 - *Iconografia mineira do Período Colonial*. In: CONGRESSO DO BARROCO NO BRASIL, 1981, Ouro Preto. **Introdução ao Catálogo de exposição...** Rio de Janeiro: Gráfica do CNPq, set. 1981. (Pesquisa de Hélio Gravatá.) **Barroco**, Belo Horizonte, n.13, p.33-6, 1984/5.
- 6.11 - *A tradição do novo*. **Letra**, Rio de Janeiro, n.2, 2 sem. 1984. (Palestra no II Congresso da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.)
- 6.12 - *As Minas Gerais: condicionantes de um processo urbano-cultural*. **Revista Análise & Conjuntura**, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.76-83, jan./abr. 1990. (Aula inaugural proferida na abertura dos cursos de filosofia e teologia do Instituto de Estudos Superiores Santo Inácio de Loyola, da Companhia de Jesus no Brasil, ano letivo de 1988.)
- 6.13 - *Inconfidência: projeto de nação possível*. Separata da **Revista Análise & Conjuntura**, Belo Horizonte, v.4, n.2, 3, p.61-80, maio/dez. 1989. (Conferência no Seminário Inconfidência Mineira e Revolução Francesa - Bicentenário 1789/1989, Ouro Preto, 25 abr. 1989.)

7. EXERCÍCIOS DE TRADUÇÃO

- 7.1 - DUNCAN, Robert. Para uma elegia africana. Trad. Affonso Ávila. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.5, 4 mar. 1967. Suplemento literário. (Tradução de: Selected Poems.)
- 7.2 - HUIDOBRO, Vicente. Altazor (fragmento), Torre Eiffel e A trincheira. Trad. Affonso Ávila. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.1.3, 5 ago. 1967. Suplemento literário. (Tradução dos poemas: Altazor, Torre Eiffel e A Trincheira.)
- 7.3 - WILLIAMS, R. Darby. Um poema-jogo barroco sobre a Graça: o "Paradise" de Herbert. Trad. Affonso Ávila. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.6-7, 18 mar. 1972. Suplemento literário. (Tradução de fragmento de ensaio).

- 7.4 - HERBERT, George. Paraíso. Trad. Affonso Ávila. **Minas Gerais**, Belo Horizonte. p.5, 18 mar. 1972. Suplemento literário. (Tradução do poema Paradise, do metafísico inglês, do século XVII.)

8. DIREÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

- 8.1 - *Vocação Revista de Novos*. Belo Horizonte. 1951. (Diretor-Fundador).
- 8.2 - DIÁRIO DE MINAS. Suplemento literário. Belo Horizonte. 1953. (Editor).
- 8.3 - Revista *Tendência*. Belo Horizonte. 1957-1962. (Co-fundador - Conselho de Redação).
- 8.4 - FOLHA DE MINAS. Diário. Belo Horizonte. 1960-1961. (Diretor).
- 8.5 - ESTADO DE MINAS. Suplemento dominical. Belo Horizonte. 1963-1964. (Editor).
- 8.6 - ÁVILA, Affonso. (Org.). Barroco. *Áurea idade da áurea terra*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte. 8, 18 jul. 1987. Suplemento literário. (Edição especial).
- 8.7 - (Org.) Memórias do Distrito Diamantino - 100 anos. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 21, 28 dez. 1968. Suplemento literário. (Edição especial).
- 8.8 - BARROCO. Belo Horizonte: UFMG. n.1-11: Ed. part. n.12-15. 1969-1991. (Fundador e Diretor).
- 8.9 - ÁVILA, Affonso. (Org.). Mariana: a Paixão no cenário barroco. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 1 abr. 1972. Suplemento literário. (Número especial).
- 8.10 - COLEÇÃO POETAS MODERNOS DO BRASIL. Petrópolis: Vozes. 1971-1976. (Orientação e coordenação). (Volumes publicados: 1. Benedito Nunes: **João Cabral de Melo Neto**; 2. Laís Corrêa de Araujo: **Murilo Mendes**; 3. Eliane Zagury: **Cecília Meireles**; 4. Silviano Santiago: **Carlos Drummond de Andrade**.)

- 8.11 - ANÁLISE & CONJUNTURA. Revista de Ciências Sociais Aplicadas. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. 1986-1989. (Director).

9. AUDIOVISUAIS, MONTAGENS E MÚSICA

- 9.1 - TEATRO DE CÂMARA. **Brazilian contemporary poetry.** Hollywood/Califórnia/USA. Oct. 28, 1965. (University of California at Los Angeles). (Apresentação do poema As Viúvas de Caragoatá, de Affonso Ávila.)
- 9.2 - TEATRO Municipal. **Barroco: Espetáculo que passa.** Ouro Preto. 1971. (Montagem de Orlando Bianchini e alunos da Faculdade de Letras - UFMG. Apropriação de textos de Affonso Ávila.)
- 9.3 - LATERZA, Moacyr. **Affonso Ávila - poesia e barroco.** Ouro Preto. 1973. (Audiovisual apresentado no 7º Festival de Inverno da UFMG.)
- 9.4 - MORAIS, Frederico. **Carta de Minas.** São Paulo, 1973. (Audiovisual). (Apresentado no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Apropriação de textos de Affonso Ávila.)
- 9.5 - D'ANGELO, Jota. **A Inconfidência na Praça.** Ouro Preto, mar./abr. 1970. (Espetáculo de som e luz. Narração de Paulo Autran - VII Festival de Arte de Ouro Preto. Apropriação de textos de Affonso Ávila.)
- 9.6 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Exposição didática.** Belo Horizonte, 2 abr. 1971. (Exposição didática sobre a obra de Affonso Ávila, no saguão da Reitoria da UFMG - Laboratório de Estética - Serviço de Documentação das Artes em Minas Gerais.)
- 9.7 - MENDES, Gilberto. **Motetos à feição de Lobo de Mesquita.** São Paulo: Editora Novas Metas, 1983. (Partitura). (Composição musical baseada em poema de Affonso Ávila. 1ª audição em Ouro Preto, 26 de julho de 1975. Obra encomendada para o 9º Festival de Inverno da UFMG, pela Cultura Artística de Minas Gerais - 1ª audição em São Paulo, no Teatro da Fundação Álvares Penteado, em 28 de novembro de 1975 - Gravação:

- Disco II Bienal de Música Brasileira Contemporânea, Rio de Janeiro, 1977.)
- 9.8 - D'ANGELO, Jota. **Pelos caminhos de Minas**. Belo Horizonte, 1975. (Peça encenada no Teatro Marília. Apropriação de textos de Affonso Ávila.)
- 9.9 - OLIVEIRA, Willy Corrêa de. **Passos da Paixão**. Rio de Janeiro: Edição Funarte, 1982. (Composição musical baseada em poema de Affonso Ávila. 1ª audição na cidade de Prados/MG, em julho de 1979. 2ª audição no Festival de Música de Santos/SP, em setembro de 1979.)
- 9.10 - D'ANGELO, Jota et al. **O teatro em Minas Gerais**. Ouro Preto, 1979. (Audiovisual). (Apresentado no 13º Festival de Inverno da UFMG. Texto de Affonso Ávila.)
- 9.11 - _____ et al. **Os riscos da fala**. Belo Horizonte, 1979. (Peça encenada no Teatro da Imprensa Oficial, em Belo Horizonte. Apropriação dos poemas de *Discurso da Difamação do Poeta*, de Affonso Ávila.)
- 9.12 - BACK, Sílvio. **Revolução de 30**, 1980. (Filme). (Apropriação de fragmento do poema *Frases-Feitas*, de Affonso Ávila, como epígrafe de abertura do filme.)
- 9.13 - RESCALA, Luís Augusto. **Discurso da difamação do poeta**. Rio de Janeiro, out. 1981. (Música). (Composição musical baseada em poema de Affonso Ávila, apresentada na Sala Funarte Sidney Miller. Música Contemporânea. Concerto Extraordinário.)
- 9.14 - ÁVILA, Affonso e ANDRÉS, Maurício. **Raiz e dimensão de uma arte**. A obra de Mary Vieira. São Paulo, dez. 1981. (Audiovisual) (Apresentado na exposição *Panorama da Arte Atual Brasileira - Escultura*, do Museu de Arte Moderna de São Paulo.)
- 9.15 - SÃO João del-Rei. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1983. (Vídeo). (Supervisão e participação.)
- 9.16 - SÉRIE LITERATURA. **Affonso Ávila**. Rio de Janeiro: TVE/FUNTEVÊ, dez. 1983. (Especial).
- 9.17 - SOCIEDADE, Cultura e Tecnologia. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1984. (Vídeo). (Supervisão.)

- 9.18 - SÉRIE CULTURA EM DEBATE. **Minas na cultura brasileira.** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1986. (Vídeo). (Debatedor.)
- 9.19 - MINA da Encardideira. Poema-clip. Rio de Janeiro: TVE/FUNTEVÊ, 1986. (Apresentação de Tim Rescala.)
- 9.20 - COMPANHIA de Dança do Palácio das Artes. **Triunfo - um delírio barroco.** Belo Horizonte: Palácio das Artes. (Espetáculo de dança-teatro-música. Direção de Carmen Paternostro. Baseado nas obras *Resíduos Seiscentistas em Minas* e *Cantaria Barroca*, de Affonso Ávila.)
- 9.21 - GLOBO Repórter Especial. **Tiradentes. 200 anos da Inconfidência Mineira.** Rio de Janeiro: TV Globo, 21 abril 1989. (Direção e edição de Tereza Cavallero. Roteiro de Thiago de Mello. Depoimento especial de Affonso Ávila.)
- 9.22 - CAMPOS, Dileny (Dir./Ed.). **A liberdade é amável.** Belo Horizonte: Centro de Estudos Culturais da Fundação João Pinheiro, 5 set. 1989. (Vídeo). (Produzido por ocasião do Seminário Inconfidência Mineira e Revolução Francesa - Bicentenário 1789/1989. Primeira exibição no Palácio das Artes. Baseado no estudo *Inconfidência: Projeto de Nação Possível*, de Affonso Ávila, com o seu depoimento especial.)
- 9.23 - CAMPOS, Dileny e TAMIETTI, Vanessa. **O visto e o imaginado.** Belo Horizonte, 16 out. 1990. (Vídeo). (Baseado no livro de igual título de Affonso Ávila. Primeira exibição no Instituto dos Arquitetos do Brasil, Seção de Minas Gerais, em promoção conjunta com o lançamento do livro.)

BIBLIOGRAFIA SOBRE AFFONSO ÁVILA

FONTES DE CONSULTA SOBRE AFFONSO ÁVILA E SUA OBRA

1. VERBETES E REGISTROS EM OBRAS DE REFERÊNCIA

- 1.1 - CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA, 2., 24-30 jul. 1961, Assis. **Anais...** ASSIS: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1963., p.395/7
- 1.2 - BRASIL, Assis. Affonso Ávila. In: DICIONÁRIO Prático de Literatura. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979, p.11-2.
- 1.3 - BRASIL, Assis. Affonso Ávila. In: O LIVRO de Ouro da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1980, p.274-9.
- 1.4 - BRASIL, Assis. Tendência. In: VOCABULÁRIO Técnico de Literatura. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979, p.206.
- 1.5 - COUTINHO, Afrânio. (Dir.). Ávila, Affonso Celso. In: BRASIL e Brasileiros de Hoje. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1961, v.I, p.106.
- 1.6 - BUFFALO, Ana Maria. **Affonso Ávila - Bibliografia**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1968. (Trabalho de conclusão de curso.)

- 1.7 - CARPEAUX, Otto Maria. Affonso Ávila. In: PEQUENA Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira. Apêndice de Assis Brasil. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968, v.1, p.458.
- 1.8 - COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul-Americana, 1968. (Referência nos v.1, p.152; v.II, p.214; v.IV, p.67 e 80; v.V, p.200, 226, 479 e 546).
- 1.9 - COUTINHO, Afrânio, SOUZA, J.Galante de. (Dir.) Ávila, Affonso Celso. In: ENCICLOPÉDIA de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Fundação de Assistência ao Estudante, 1990, v.1, p.270-1.
- 1.10 - ENCICLOPÉDIA Nosso Século - 1960-1980. São Paulo: Abril Cultural, 1980, v.74, p.120.
- 1.11 - FOSTER, David William, REIS, Roberto. Ávila. A DICTIONARY of Contemporary Brazilian Authors. Tempe - Arizona State University: Center for Latin American Studies, 1981, p.10.
- 1.12 - GRANDE Enciclopédia Delta Larousse. Ávila (Affonso). Rio de Janeiro: Delta, 1970, v.2, p.645.
- 1.13 - MENEZES, Raimundo de. Ávila (Affonso Celso). DICIONÁRIO Literário Brasileiro. São Paulo: Edição Saraiva, 1969, v.1, p.132.
- 1.14 - MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia do Período Colonial Brasileiro**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1969. (Referência nas p.217-9 e 360-1).
- 1.15 - RODRIGUES, José Honório. **Historiografia brasileira** (Período Colonial). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979. (Referência nas p.313-5).
- 1.16 - PICCHIO, Luciana Stegagno. **La letteratura brasiliana**, Firenze/Milano: Sansoni-Academia, 1972. (Referência nas p.596, 633).
- 1.17 - PICCHIO, Luciana Stegagno. **La littérature brésilienne**. Trad. Luc-François Granier. Paris: Presses Universitaires de France, 1981. (Referência nas p.118-9).
- 1.18 - LAROUSSE Cultural Brasil A/Z. Ávila (Affonso Celso). São Paulo: Editora Universo, 1988, p.69.
- 1.19 - ENCICLOPÉDIA Mirador. Ávila (Affonso Celso). São Paulo: Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações, 1977, v.4, p.1.724.

SOBRE A POESIA

2. O AÇUDE E SONETOS DA DESCOBERTA

- 2.1 - GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. O prêmio Othon L. Bezerra de Melo concedido em 1953. Palavras de "...". **Revista da Academia Mineira de Letras**, Belo Horizonte, v.XX, p.231-2, 1954.
- 2.2 - LISBOA, Henriqueta. Folhinha de Aricl. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, p.2, 9 ago. 1953.
- 2.3 - MIRANDA, Macedo. A poesia vem de Minas - III. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p.4, 1 out. 1955.
- 2.4 - MOURÃO, Rui. Saudação ao poeta. **Diário de Minas**, Belo Horizonte, p.1 e 3, 2 ago. 1953. - Suplemento literário.
- 2.5 - MOURÃO, Rui. Saudação ao poeta. **Letras e Artes**, Rio de Janeiro, 6 abr. 1954.
- 2.6 - SALLES, Fritz Teixeira de. Affonso Ávila e a vigência dos códigos. **Diário de Brasília**, Brasília, p.4-5, 8 abr. 1973. Suplemento Cultural Enfoque.
- 2.7 - SILVA, Antônio Manoel dos Santos. Affonso Ávila e a forma convencional. Separata da **Revista de Letras**, Assis/SP, v.16, p.73-94, 1974.
- 2.8 - SILVEIRA, Homero. Presença de Minas Gerais. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 16 ago. 1953, 2ª secção, p.8, 10.
- 2.9 - VELLOSO, Arthur Versiani. *O Açude e Sonetos da Descoberta*. **Kriterion**, Belo Horizonte, n.25-26, p.502-3, jul. a dez. 1953. (Resenha).
- 2.10 - VILLAÇA, Antônio Carlos. Um poeta. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 11 abr. 1954. Suplemento.

3. CARTA DO SOLO

- 3.1 - CAMPOS, Haroldo de. Conversa com o Escritor - XVI. Enquete de Laís Corrêa de Araújo. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, p.3-4, 13 ago. 1961. Suplemento. Roda Gigante.

- 3.2 - CAMPOS, Haroldo de. A poesia concreta e a realidade nacional. **Tendência**, Belo Horizonte, n.4, p.83-94, 1962.
- 3.3 - COUTINHO, Edilberto. *Carta do Solo* (Poesia) de Affonso Ávila. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 abr. 1961.
- 3.4 - CRESPO, Ángel e BEDATE, Pilar Gómez. Tendência - poesia y crítica en situación. **Revista de Cultura Brasileira**, Madrid, dic. 1965. (Tirada aparte del número quince).
- 3.5 - D'ELIA, Antônio. Da paixão pela poesia. **Revista Anhembi**, São Paulo, n.138, v.XLVI, p.576-8, maio 1962.
- 3.6 - FARIA, Octávio de. *Carta do Solo*, de Affonso Ávila. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 1 jun. 1961.
- 3.7 - LIMA, Luiz Costa. Do poema em busca de participação. **Jornal do Comércio**, Recife, 7 out. 1962, 2º Caderno, p.1.
- 3.8 - MARGARIDO, Alfredo. Poetas brasileiros - Affonso Ávila. Vida literária. **Diário de Lisboa**, Lisboa, p.17-18, 20 jul. 1961. Suplemento.
- 3.9 - MOURÃO, Rui. Prospecção criadora - I e II. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 2 e 9 abr. 1961. Suplemento.
- 3.10 - PIGNATARI, Décio. Notícia: a poesia brasileira em ação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA, 3., 1962, João Pessoa. João Pessoa: [s.n.], 1962. (Comunicação ao III Congresso Brasileiro de Crítica Literária.)
- 3.11 - SALLES, Fritz Teixeira de. A poesia de Affonso Ávila - I - A *Carta do Solo*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.8, 18 ago. 1973. Suplemento literário.
- 3.12 - _____. A poesia de Affonso Ávila - II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.4, 25 ago. 1973. Suplemento literário.
- 3.13 - SILVA, Antônio Manoel dos Santos. Uma evolução temática. Separata da **Revista Mimesis**, São José do Rio Preto, n.3, p.139-158, 1977.
- 3.14 - SILVEIRA, Homero. Poesia de vanguarda no Brasil. **Revista Convivium**, São Paulo, n.4, v.6, p.3-12, jun. 1965.
- 3.15 - SIMÕES, João Gaspar. **Literatura, literatura, literatura...** Lisboa: Portugalia Editora, 1964. (Referência nas p.371-5).
- 3.16 - SODRÉ, Nelson Werneck. No mundo das idéias. **O Semanário**, Rio de Janeiro, 2 abr. 1961.

4. CÓDIGO DE MINAS

- 4.1 - BONFIM, Rosa Virgínia Menezes. Uma leitura de *Código de Minas*. Minas Gerais. Belo Horizonte. p.4-5, 7 out 1972. Suplemento literário. (Trabalho no Curso de Mestrado em Literatura Brasileira na PUC/RJ.)
- 4.2 - BRASIL, Assis. Novos poetas e a tradição da imagem. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. p.4, 30 abr. 1972.
- 4.3 - BRITO, Mário da Silva. Teia de aranha (I). *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro. p.2, 16 maio 1970. Suplemento literário.
- 4.4 - _____. *Conversa vai, conversa vem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. p. 7.
- 4.5 - COSTA, Marta Moraes da. Marianagem ou de Como o passado se faz presente no futuro. *Revista da Universidade Federal do Paraná*, Curitiba. p.97-100, 1974.
- 4.6 - HATHERLY, Ana. Affonso Ávila: uma atitude de vanguarda. *Diário de Lisboa*, Lisboa. p.5 e 7, 28 maio 1970. Suplemento literário.
- 4.7 - LUCAS, Fábio. Poesia em crise? *O Estado de São Paulo*, São Paulo. p.1, 15 ago. 1970. Suplemento literário.
- 4.8 - MARTINS, Heitor. *Código de Minas: vanguarda e barroco*. *O Estado de São Paulo*, São Paulo. p.1, 7 mar. 1971. Suplemento literário.
- 4.9 - _____. *Código de Minas: vanguarda e barroco - 2*. *O Estado de São Paulo*, São Paulo. p.1, 14 mar. 1971. Suplemento literário.
- 4.10 - MEYER-CLASON, Curt. *Brasilianische Poesie des 20. Jahrhunderts*. Munchen (Munique): Deutscher Taschenbuch Verlag, 1975. (Referências nas p.134-7, 165-6.)
- 4.11 - MOURÃO, Rui. Decifração do código. *O Estado de São Paulo*, São Paulo. p.6, 5 set. 1970. Suplemento literário.
- 4.12 - NUNES, Benedito. *Código de Minas & Poesia Anterior*. *Revista Colóquio-Letras*, Lisboa. n.3, p.89-90, set. 1971.
- 4.13 - OLIVEIRA, Ivany Lessa Baptista de. Affonso Ávila: reapropriação da discursividade. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis. v.LXVI, n.10, p.39-42, dez. 1972. (Análise do poema *Passagem de Mariana*.)

- 4.14 - OLIVEIRA, Ivany Lessa Baptista de. **Affonso Ávila: reapropriação da discursividade**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1974. (Tese, Mestrado em Literatura Brasileira - Pontifícia Universidade Católica RJ.)
- 4.15 - PONTUAL, Roberto. **Concreção e vértebra**. Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*, 1969. (Texto apenso ao livro *Código de Minas & Poesia Anterior*).
- 4.16 - SALLES, Fritz Teixeira de. **A poesia de Affonso Ávila - III - Código de Minas**. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, p.8-9, 1º set. 1973. Suplemento literário.
- 4.17 - _____. **A poesia de Affonso Ávila - IV - Código de Minas**. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, p.5, 8 set. 1973. Suplemento literário.
- 4.18 - _____. **A poesia de Affonso Ávila - V - Código de Minas**. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, p.4, 15 set. 1973. Suplemento literário.
- 4.19 - SANTIAGO, Silviano. **Ahs! e silêncio**. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, p.1-2, 14 mar. 1970. Suplemento literário.
- 4.20 - _____. **Las botas y el anillo de Zapata**. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, p.1-2, 7 abr. 1973. Suplemento literário.
- 4.21 - _____. **Latin american literature: the space in between**. **Special Studies**, [s.l.], n.48, p.20-29, Dec. 1973, (State University of New York at Buffalo, Council of International Studies.)
- 4.22 - SILVA, Antônio Manoel dos Santos. **Affonso Ávila: a transformação irônica**. **Revista Alpha**, Marília/SP, p.162-175, 1973.
- 4.23 - SILVEIRA, Homero. *Código de Minas & Poesia Anterior*. **Revista Convivium**, São Paulo, v.13, n.4, p.337-9, jul./ago. 1970.

5. CÓDIGO NACIONAL DE TRÂNSITO

- 5.1 - CIRNE, Moacy. **Código Nacional de Trânsito**. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, v.LXVII, n.4, p.79-80, maio 1973.

- 5.2 - MENDONÇA, Antônio Sérgio. Vanguarda: um depoimento sobre a novidade distorcida. *Revista Cultura*, Brasília, n.14, p.62-75, jul./set. 1974.
- 5.3 - OSWALDO, Ângelo. O poeta e o código. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, p.3, 27 jan. 1973. Suplemento literário.
- 5.4 - SALLES, Fritz Teixeira de. Affonso Ávila e Gregório de Mattos. *Jornal de Brasília*, Brasília, p.4, 8 abr. 1973. *Cultura*.

6. CANTARIA BARROCA

- 6.1 - ALMEIDA, Lúcia Machado de. Gente, livros & bichos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 maio 1975. Caderno feminino, p.2. (Com depoimento de Affonso Ávila sobre *Cantaria Barroca*.)
- 6.2 - BRANCO, Joaquim. A lição dos anos 60. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, p.5, 5 fev. 1977. Suplemento literário.
- 6.3 - CIRNE, Moacy. *Cantaria Barroca*. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v.LXX, n.7, p.71-2, set. 1976.
- 6.4 - HATHERLY, Ana. *Cantaria Barroca*. *Revista Colóquio-Letras*, Lisboa, n.35, p.91-2, jan. 1977.
- 6.5 - OSWALDO, Ângelo. Ouro Preto, uma *Cantaria Barroca*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 maio 1976. Caderno B, Livros, p.9.
- 6.6 - _____. Ouro Preto, uma *Cantaria Barroca*. *Barroco*, Belo Horizonte, n.8, p.95-6, 1976. (Reprodução.)
- 6.7 - SALLES, Fritz Teixeira de. Affonso Ávila e a arte da paródia. *Inéditos*, Belo Horizonte, p.62-4, jul./ago. 1976.
- 6.8 - SANT'ANNA, Affonso Romano de. Lições, *Cantaria Barroca*. *Veja*, São Paulo, p.112, 114, 16 jun. 1976.

7. DISCURSO DA DIFAMAÇÃO DO POETA

- 7.1 - BRASIL, Assis. Antologia em tempo certo. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, p.3, abr. 1979.

- 7.2 - CIRNE, Moacy. Affonso Ávila: o Discurso do poeta. Separata da **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, p.25-30, set. 1978.
- 7.3 - CORRÊA, Carlos Augusto. Um discurso sem rodícios. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 jul. 1978, Livro, p.3.
- 7.4 - FACIOLI, Valentim. Difamação e corrosão do poeta. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 31 dez. 1978. Folha ilustrada, p.39.
- 7.5 - LOBO, Narciso. Algumas perguntas sobre o que é realmente o poeta. **O Globo**, Rio de Janeiro, p.8, 14 maio 1978. Livro.
- 7.6 - SÁ, Álvaro de. Affonso Ávila ou a semiologia da palavra. 1. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p.3, 1, 2 jul. 1978. Suplemento.
- 7.7 - ____ Affonso Ávila ou a semiologia da palavra, 2. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p.3, 8.9 jul. 1978. Suplemento.
- 7.8 - ____ Affonso Ávila ou a semiologia da palavra. Final. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p.4.5, 29.30 jul. 1978. Suplemento.

8. MASTURBAÇÕES

- 8.1 - De olho no preconceito. **Revista Nova Cosmopolitan**, São Paulo, p.63, ago. 1981. (Com reprodução fotografada do poema por Betty Friedan.)

9. DELÍRIO DOS CINQUENT'ANOS

- 9.1 - PAES, José Paulo. Lira dos cinquent'anos. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p.10, 27 jan. 1985. Suplemento cultura.

10. O BELO E O VELHO

- 10.1 - ALMEIDA, Márcio. Metapoesia. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 8 out. 1987, 2ª secção, p.5.
- 10.2 - MIRANDA, José Américo. Um livro mineiro em Santa Catarina. **Diário de Minas**, Belo Horizonte, p.7, 27 abr. 1988.

11. O VISTO E O IMAGINADO

- 11.1 - ASCHER, Nelson. Affonso Ávila chega ao ponto mais alto de sua poesia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.6-3, 20 abr. 1991. Letras.
- 11.2 - ASSIS, Júlio. Ávila lança *O Visto e o Imaginado*. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 16 out. 1990. Cultura. p.1.
- 11.3 - BORGES, Afonso. Affonso Ávila marca presença. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, p.1, 25 ago. 1990. Cultura.
- 11.4 - BUENO, Antônio Sérgio. *O Visto e o Imaginado*. A limpa vitória da forma. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 out. 1990. 2ª secção, p.2.
- 11.5 - MONGELLI, Lênia Márcia. *O Visto e o Imaginado*. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p.10, 15 dez. 1990. Suplemento cultura.
- 11.6 - OSWALDO, Ângelo. A poesia de Affonso Ávila. Código alforriado. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 28 ago. 1990. 2ª Secção, p.2.
- 11.7 - SALLES, José Bento Teixeira de. Crônica da cidade. *O Visto e o Imaginado*. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 4 jan. 1991. 2ª Secção, p.2.
- 11.8 - SANTOS, Jorge Fernando dos. Escritores e editores fazem sua festa. A síntese de Affonso Ávila. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 22 ago. 1990. 2ª Secção, p.8.
- 11.9 - SEBASTIÃO, Walter. A poesia crítica e lúdica de Affonso Ávila. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 14 out. 1990. 2ª Secção, p.1.
- 11.10 - SILVA, Fernando de Barros e. Poeta mescla barroco com "Inquietação moderna". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 ago. 1990. Ilustrada, p.E-8.

12. REFERÊNCIAS GENÉRICAS

- 12.1 - AFFONSO Ávila 30 Anos de Poesia. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 10, 17 dez. 1983. Suplemento literário, 28p. Edição

- especial. (Organização e criação gráfica de Sebastião Nunes, ilustrada com fotos e desenhos.)
- 12.2 - ALMEIDA, Márcio. Estamos completando 20 anos de poesia concretista. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 16 out. 1976. 2ª Secção, p.1.
- 12.3 - ANDRADE, Carlos Drummond de. Conversa aberta com "" sobre Dantas Motta. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p.12, 9 fev. 1975. (Entrevista a Delmiro Gonçalves.)
- 12.4 - ATHAYDE, Tristão de. Receita de Minciro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.6, 31 out. 1972. (Suplemento especial Minas além da montanha.)
- 12.5 - BARROS, José Américo Miranda. O martelo do Ávila. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, p.2-3, 5 abr. 1975. Suplemento literário.
- 12.6 - BRASIL, Assis. História crítica da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, 1975. A nova literatura. II. A poesia, p.41-55.
- 12.7 - BUENO, Antônio Sérgio. A poesia dos anos 80. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 29 nov. 1989. 2ª Secção, p.8.
- 12.8 - CAMPOS, Augusto de. Concretistas explicam a poesia concreta. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p.4, 3 set. 1966. Suplemento literário. (Resposta a enquete de Eliston Altmann.)
- 12.9 - CAMPOS, Haroldo de. Carta a Rui Mourão. **Revista Tendência**. Belo Horizonte, n.4, p.125-7, 1962.
- 12.10 - CAMPOS, Haroldo de. Poesia concreta brasileira: dados, depoimento. **Revista Convivium**. São Paulo, v.7, n.56, p.24-33, jul./set. 1965.
- 12.11 - CAMPOS, Haroldo de. Poesia concreta brasileira. Datos. Testemonios. Trad. Edgardo Antonio Vigo. **Revista Diagonal Cero**. La Plata/Argentina, p.5-16, jun. 1967.
- 12.12 - CASTRO, E. M. de Melo e. **Literatura portuguesa de invenção**. São Paulo: Difel, 1984, P. 4/5.
- 12.13 - CASTRO, E. M. de Melo e. A poesia de vanguarda no Brasil. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, p.4,5, 20 set. 1969. Suplemento literário.
- 12.14 - CIRNE, Moacy. Invenção e criação: um desafio. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.2, 18 nov. 1967. Suplemento literário.

- 12.15 - HOLLANDA, Heloísa Buarque de. FREITAS FILHO, Armando. **Anos 70**. Rio de Janeiro: Edição Europa, 1980. 2. Literatura, p.118.
- 12.16 - LEMINSKI, Paulo. **Entrevista**. Ouro Preto: Poesia Livre, primavera 1985.
- 12.17 - LUCAS, Fábio. **Mineiranças**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. (Referência nas p.145-7, 191, 297 e 326).
- 12.18 - MELO NETO, João Cabral de. **A arquitetura do verso**. **Veja**, São Paulo, p.3-5, 28 jun. 1972. (Entrevista a Oswaldo Amorim).
- 12.19 - MELO NETO, João Cabral de. **Cultura - João Cabral, nu e cru**. **Isto é**, São Paulo, p.54, 5 nov. 1980. (Entrevista).
- 12.20 - MENDONÇA, Antônio Sérgio, SÁ, Álvaro de. **Poesia de vanguarda no Brasil**. De Oswald de Andrade ao poema visual. Rio de Janeiro: Antares, 1983, p.181-7. (Referência nas p.181-7).
- 12.21 - NUNES, Sebastião. Affonso Ávila - 30 anos de poesia. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.1, 10 dez. 1983, Suplemento literário.
- 12.22 - PALU, Pe. Lauro, CM. Affonso Ávila - homem trincheira. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, ano 73, v.LXXIII, p.349-372, jun./jul. 1978.
- 12.23 - SALLES, Fritz Teixeira de. O dono da metáfora. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.10, 30 jan. 1971. Suplemento literário.
- 12.24 - SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 (Referência nas p.183-92.)
- 12.25 - RISÉRIO, Antônio e GIL, Gilberto. **O poético e o político e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Referências na p.87.)
- 12.26 - SANT'ANNA, Affonso Romano de: **Conversa com ""**. Estante de Poesia. Stella Leonardos. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, fev./mar. 1976. 1º Caderno, p.6.
- 12.27 - SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Música popular e moderna poesia brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1978. (Referência nas p.36, 58, 63, 117, 119, 146 e 147.)

- 12.28 - SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Perspectivas da poesia brasileira moderna - I. O Estado de São Paulo*. São Paulo, 8 jul. 1967. Suplemento literário.
- 12.29 - SEBASTIÃO, Walter. *A Tendência do concreto ao barroco*. Estado de Minas. Belo Horizonte, 24 maio 1990, 2ª Secção, p. 1.
- 12.30 - TEIXEIRA, Cleber. Cleber Teixeira: o tipógrafo inventor. Nicolau. Curitiba, ano IV, n.32. (Entrevista a Fábio Bruggemann.)
- 12.31 - VINHOLES, L.C. Poesia concreta brasileira. Dados - informações - comentários. ASA. Tokio, n.1, p.34-40, 1965. (Impresso em japonês.)

13. DEPOIMENTOS CRÍTICOS DO POETA

- 13.1 - ALMEIDA, Márcio. Há 30 anos nascia uma revista-marco da vida cultural mineira. Estado de Minas. Belo Horizonte, 6 ago. 1987, 2ª secção, p.8. (Com depoimento de Affonso Ávila.)
- 13.2 - ALTMANN, Eliston. Inquérito sobre a poesia brasileira. O Estado de São Paulo. São Paulo, p.4, 3 dez. 1966. Suplemento literário. (Reproduzido em *O Poeta e a Consciência Crítica*, eds. cits.)
- 13.3 - ÁVILA, Affonso. *Carta do Solo - Poesia referencial*. Revista *Invenção*, São Paulo, n.2, p.55-60, 2 trim. 1962. (Reproduzido em *O Poeta e a Consciência Crítica*, eds. cits.)
- 13.4 - ÁVILA, Affonso. Um concepto brasileiro de vanguardia. *Revista de Cultura Brasileira*. Madrid, t.III, n.11, p.382-8, dic. 1964.
- 13.5 - ÁVILA, Affonso. Um conceito brasileiro de vanguarda. *Revista Convivium*, São Paulo, ano IV, v.7, n.5-6, p.12-23, jul./set. 1965. (Reproduzido em *O Poeta e a Consciência Crítica*, eds. cits.)
- 13.6 - ÁVILA, Affonso s.m., poeta. *Poesia Livre*. Ouro Preto, ano V, n.10, outono de 1982. (Entrevista.)
- 13.7 - ÁVILA, Affonso. *Vanguardas poéticas brasileiras: um depoimento*. Belo Horizonte: UFMG, 1971. (Entrevista gravada)

pelo Serviço de Documentação das Artes do Laboratório de Estética.)

- 13.8 - ÁVILA, Affonso. Vanguardas poéticas brasileiras: um depoimento. **Revista de Cultura Vozes**. Petrópolis, v.LXVII, n.10, p.48-50, dez. 1973. (Reconstituição. Reproduzida em *O Poeta e a Consciência Crítica*, 2a. ed. cit.)
- 13.9 - BORGES FILHO, Afonso. Affonso Ávila: 35 anos de maturidade poética. **Hoje em Dia**. Belo Horizonte, p.32, 18 dez. 1988. Cultura. (Com depoimento de Affonso Ávila.)
- 13.10 - CARVALHO, Maria Angélica. Nova poesia brasileira. Além das vanguardas? Ou será a volta dos prosaicos prosadores? **O Globo**, Rio de Janeiro, p.31, 29 jul. 1978. (Com depoimento de Affonso Ávila.)

SOBRE O ENSAIO E A PESQUISA

14. *RESÍDUOS SEISCENTISTAS EM MINAS*

- 14.1 - ALENCAR, Cosette de. *Resíduos Seiscentistas em Minas*. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, p.2, 21 out. 1967.
- 14.2 - AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Miscelânea literária. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, p.3, 8 out. 1967. Suplemento dominical.
- 14.3 - BARATA, Mário. **Brazil Handbook of latin american studies**. Edited by Henry E. Adams. [s.l.]: University of Florida Press, 1968. p.33-4.
- 14.4 - CASTRO, E.M. de Melo e. A poesia barroca. **Diário de Lisboa**, Lisboa, p.4, 7, 20 jun. 1968. Suplemento.
- 14.5 - CASTRO, E.M. de Melo e. A poesia barroca. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, p.7, 24 ago. 1968. Suplemento literário.
- 14.6 - CAVALCANTI, Valdemar. Universidade de Minas dá bom exemplo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 12 dez. 1967.
- 14.7 - DAMANTE, Hélio. Textos barrocos. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p.2, 29 abr. 1967. Suplemento literário. (Resenha.)

- 14.8 - DIAS, Fernando Corrcia. **A imagem de Minas. Ensaio de Sociologia Regional.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.(Referência nas p.45-9.)
- 14.9 - DIAS, Fernando Corrcia. Nova visão de Minas. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, p.5, 22 jul. 1967. Suplemento literário.
- 14.10 - IGLÉSIAS, Francisco. Presença literária de Minas. **Revista Minas Gerais.** Belo Horizonte, ano I, n.0, p.26. 1969.
- 14.11 - LOBO, José. As missões em Cuiabá e os Resíduos em Minas. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, p.5, 10 jun. 1967. Suplemento literário.
- 14.12 - MARTINS, Heitor. **Saudação. Minas Gerais.** Belo Horizonte, p.6, 25 fev. 1967. Suplemento literário. (Lançamento do livro.)
- 14.13 - MARTINS, Heitor. Xavier da Silva, heterodoxo brasileiro. Separata da **Revista Ocidente.** Lisboa, v.LXXX, p.414-23, 1971.
- 14.14 - MARTINS, Wilson. A visão barroca. **O Estado de São Paulo,** São Paulo, p.4, 23 dez. 1967. Suplemento literário.
- 14.15 - MERCADANTE, Paulo. O barroco das Minas Gerais. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 9 maio 1968, 2º Caderno, p.4.
- 14.16 - MORAIS, Frederico. Regiões-polo do barroco. **O Estado de São Paulo,** São Paulo, p.5, 13 maio 1967. Suplemento literário.
- 14.17 - MOURÃO, Rui. Minas redescoberta. **O Estado de São Paulo,** São Paulo, p.1, 30 set. 1967. Suplemento literário.
- 14.18 - MOURÃO, Rui. Minas redescoberta. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, p.3, 30 set. 1967. Suplemento literário. (Reprodução.)
- 14.19 - NUNES, Benedito. Triunfo barroco. **O Estado de São Paulo** São Paulo, p.5, 22 jul. 1967. Suplemento literário.
- 14.20 - NUNES, Benedito. Triunfo barroco. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, p.2, 14 out. 1967. Suplemento literário. (Reprodução.)
- 14.21 - OLIVEIRA, Franklin de. Voz das catacumbas mobiliza brasileiros que estão vivos. **Correio da Manhã,** Rio de Janeiro, 11 mar. 1967, 2º Caderno, p.2. (Entrevista a C. Carneiro Rodrigues.)

- 14.22 -PARKER, John M. Brazilian language and literature. **The year's Work in Modern Language Studies**. London, v.XXIX (1967), p.292, 1968.
- 14.23 - PINHEIRO, Luís Adolfo. O século de ouro nas Minas Gerais. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.15, 12 out. 1967. Suplemento do livro.
- 14.24 - PINHEIRO, Luís Adolfo. O século de ouro nas Minas Gerais. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.7, 6 jan. 1968. Suplemento literário. (Reprodução.)
- 14.25 - PONTUAL, Roberto. O barroco brasileiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 abr. 1968. 4º Caderno.
- 14.26 - QUEIROZ, Maria José de. Do barroco ao seiscentismo mineiro. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.4, 29 jun. 1968. Suplemento literário.
- 14.27 - SENNA, Raul Bernardo Nelson de. Discurso. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.3, 29 jul. 1967. Suplemento literário. (Lançamento do livro em Ouro Preto.)
- 14.28 - VASCONCELLOS, Sylvio de. Literatura na civilização mineira. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 28 jul. 1968. 3ª secção, p.3.
- 14.29 - VIANNA, Hélio. Livros novos. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 25, 26 mar. 1967. 2º Caderno, p.2. (Resenha.)

15. O POETA E A CONSCIÊNCIA CRÍTICA

- 15.1 - ALMEIDA, Márcio. Poesia de vanguarda em Minas: dados para situação e análise. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.3, 26 jun. 1976. Suplemento literário.
- 15.2 - DESCHAMPS, Dario. *O Poeta e a Consciência Crítica*. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, p.846, set. 1969. (Resenha.)
- 15.3 - DIMAS, Antônio. *O Poeta e a Consciência Crítica*. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n.9, p.122-5, 1970. (Resenha.)

- 15.4 - PALÚ, Pc. Lauro C.M. Na praça "*O Poeta e a Consciência Crítica*". **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 26 set. 1978. 2ª secção, p.2.
- 15.5 - SÁ, Álvaro de. O Poeta e a Consciência Crítica. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, ano 64, n.1, p.70-1, jan./fev. 1970.
- 15.6 - SANTIAGO, Silviano. Re-definir auto-definindo-se. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p.6, 7 fev. 1970. Suplemento literário.
- 15.7 - SILVA, Hélio R. S. Fundamentos de modernidade. **Revista GAM/Galeria de Arte Moderna**, Rio de Janeiro, n.30, p.2, ago. 1976.
- 15.8 - VIÉGAS, Sônia. A consciência da poesia brasileira. **Jornal de Casa**, Belo Horizonte, p.9, 7 a 13 jan. 1979.

16. *O LÚDICO E AS PROJEÇÕES DO MUNDO BARROCO*

- 16.1-CAMPOS, Haroldo de. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989. (Referência nas p.15 e 88.)
- 16.2 - CASTRO, E. M. de Melo e. Lúcido lúdico. **Vida Mundial**, Lisboa, n.1703, p.39-40, 28 jan. 1972.
- 16.3 - CASTRO, E. M. de Melo e. Lúcido lúdico. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.6, 7, 26 fev. 1972. Suplemento literário.
- 16.4 - MOUTINHO, Nogueira. Livros - *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.2, 8 set. 1971.
- 16.5 - OLIVEIRA, Franklin de. Perfil da civilização do ouro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 nov. 1971. Anexo, p.3.
- 16.6 - SANT'ANNA, Affonso Romano de. Todo o barroco de Minas revisitado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.9, 29 jan. 1972. Livro.
- 16.7 - SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Referência na p.190.)

- 16.8 - SILVA, Hélio R. S. Fundamentos de modernidade. **Revista GAM/Galeria de Arte Moderna**. Rio de Janeiro, n.30, p.2, ago. 1976.

17. O MODERNISMO

- 17.1 - LEPECKI, Maria Lúcia. Affonso Ávila et alii - *O Modernismo*. **Revista Colóquio-Letras**. Lisboa, n.36, p.92-4, mar. 1977.
- 17.2 - SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Lírica modernista e percurso literário brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1978. (Referência nas p.12-6.)

18. BARROCO MINEIRO/GLOSSÁRIO DE ARQUITETURA E ORNAMENTAÇÃO

- 18.1 - CASTRO, José de. As palavras estão salvas, as obras-de-arte ainda não. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 jul. 1978. Caderno B, p.5.
- 18.2 - GUIMARÃES, Airton. O belo, o majestoso, o imponente: é o barroco mineiro. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 1 set. 1979, 2ª secção, p.1. (Com entrevista de Affonso Ávila.)
- 18.3 - IGLÉSIAS, Francisco. Resenha. **Barroco**, Belo Horizonte, n.10, p.107-8, 1978/9.

19. INICIAÇÃO AO BARROCO MINEIRO

- 19.1 - COSTA, Cristina. O barroco de Minas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p.8, 16 jun. 1985. Cultura.
- 19.2 - LIMA, José Arnaldo Coelho de Aguiar. Resenha. **Barroco**, Belo Horizonte, n.13, p.129, 1984/5.
- 19.3 - SEGAWA, Hugo. Barroco mineiro: um templo de portas abertas. **Revista Projeto**, São Paulo, n.71, jan. 1985.

20. REFERÊNCIAS GENÉRICAS

- 20.1 - CAMPOS, Haroldo de. Haroldo de Campos vê o desafio do poeta. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 jun. 1990, 2ª secção, p.1. (Entrevista a Walter Sebastião.)
- 20.2 - CIRNE, Moacy. *Barroco 2*. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, p.76-7, jan./fev. 1971. (Resenha.)
- 20.3 - COUTINHO, Afrânio. *Barroco*. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, p.4, 17 ago. 1984.
- 20.4 - COUTINHO, Afrânio. *Barroco*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.10, 15 dez. 1984. Suplemento literário.
- 20.5 - DIAS, Fernando Correia. *Líricos e profetas*. Temas de vida intelectual. Brasília: Thesaurus Editora, 1984. (Referência nas p.63, 170.)
- 20.6 - MONTEIRO, Adolfo Casais. Situação da Poesia. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p.2, 21 out. 1961. Suplemento literário.
- 20.7 - MORAIS, Frederico. O barroco brasileiro em duas obras capitais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 fev. 1984.
- 20.8 - MORAIS, Frederico. O barroco brasileiro em duas obras capitais. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.12, 2 jun. 1984. Suplemento literário. (Reprodução.)
- 20.9 - OSWALDO, Ângelo. Barroco, um jogo mineiro de libertação e rebeldia. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 12 set. 1970, 3ª secção, p.6.
- 20.10 - OSWALDO, Ângelo. Revista *Barroco* nº 12 - Em 500 páginas a memória de um congresso histórico. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 11 ago. 1983, 2ª secção, p.7.
- 20.11 - QUIROGA, Jorge. *Alejo Carpentier*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Encanto Radical 54). (Referência nas p.50-1 e 99.)

AFFONSO ÁVILA E A CRÍTICA

SOBRE A POESIA

Trata-se de um dos mais bem sucedidos exemplos, não apenas da transformação da poesia, mas de sua possibilidade e permanência.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA
(Revista Veja)

... abridores de novos rumos, como (...) esse penetrante Affonso Ávila.

ALCEU AMOROSO LIMA
(Jornal do Brasil)

Affonso Ávila forma entre os poucos pensadores brasileiros que unem o espírito científico da pesquisa ao espírito criador e à prática artística.

ÁLVARO DE SÁ
(Revista Vozes)

El poeta (...) rigurosamente investiga la creación colectiva que supone el lenguaje en cuanto **realización** en el plano humano de lo real.

ÁNGEL CRESPO

(Revista de Cultura Brasileña - Madrid)

... assume o passado criativamente no aspecto preciso de que fala Borges - no de precursor do futuro.

ANA HATHERLY

(Revista Colóquio-Letras - Lisboa)

Afonso Ávila tem realizado algumas das experiências mais ricas da poesia brasileira da atualidade. (...) mas sua poesia não é o retrato de uma época, a fotografia na parede, a memória revelada. Ela aparece, em essência, como a intervenção impactante da paródia no texto e no contexto históricos, de forma a instaurar, simultaneamente, a criação do poema como objeto artístico uno e acabado e a revisão crítica da cultura.

ÂNGELO OSWALDO

(Estado de Minas)

Penso em quatro poetas exemplares cujos textos apontam para o próximo milênio: Augusto de Campos, Afonso Ávila, Sebastião Nunes e Glauco Mattoso. (...) Quanto a Afonso Ávila, o modelo operacional-construtivista de sua poesia infiltra-se olhos e ouvidos a dentro: som e escrita parcial e lentamente modificados. (...) Os vídeo-poemas de hoje devem muito à técnica permutacional já presente nos poemas do autor de **Cantaria Barroca**.

ANTÔNIO SÉRGIO BUENO

(Estado de Minas)

Affonso Ávila retoma e amplia o ciclo de realizações concretistas. (...) Apropriando-se semanticamente da morfologia desatualizada dessa linguagem anterior, a construção metonímica de Ávila instaura um novo sistema de signos.

ANTÔNIO SÉRGIO MENDONÇA
(Revista Cultura)

Affonso Ávila (...) presença obrigatória na poesia de engajamento social e que nem por um minuto deixa cair o tom de sua nobre, nova e incisiva dicção.

ARLANDO FREITAS FILHO
(Anos 70)

... os poucos poetas que contam no ralo panorama nacional - Affonso Ávila...

AUGUSTO DE CAMPOS
(SL de O Estado de S. Paulo)

Legítima obra de vanguarda porque, nela, a intencionalidade criadora se associa ao espírito de análise e a lógica da composição à penetrante visão da realidade.

BENEDITO NUNES
(Revista Colóquio-Letras - Lisboa)

Na qualidade de leitor de poesia, observo que os temas de Dantas Motta continuam a ser tratados em Minas, e que um poeta como Affonso Ávila também os pratica, de forma absolutamente diversa, e à luz de critério histórico, obtendo resultados altamente positivos.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
(O Estado de S. Paulo)

Affonso Ávila conjuga em sua poesia caráter de erudição, criatividade e domínio artístico. Ele identifica sua índole com a da linguagem, busca desmistificar convenções vazias e inventa soluções próprias em contraposição aos modelos consagrados.

CURT MEYER-CLASON
(Brasilianische Poesie - Munique)

De leitura obrigatória é o depoimento de Affonso Ávila sobre seu livro, *Carta do Solo*, que classifica de **poesia referencial**. Mais do que um depoimento, é um roteiro de seu processo crítico e autocrítico de composição, bem como uma suma da posição do grupo **Tendência**.

DÉCIO PIGNATARI
("Notícia: a poesia brasileira em ação." Congresso de Crítica Literária - João Pessoa)

Affonso Ávila (...), praticante de uma Poesia-Referencial de grande poder desmistificador e combativo, a partir de um rigor quase matemático no vocabulário e na sintaxe.

E. M. DE MELO E CASTRO
("A poesia de vanguarda no Brasil" - Lisboa)

Traz Affonso Ávila, para a nova poesia brasileira, um sentimento telúrico - ao mesmo tempo local e universal - que o coloca numa posição ímpar, aproximando-o, em nossa época, talvez, dos grandes poetas espanhóis e italianos que melhor souberam cantar a terra e o homem sobre a terra.

EDILBERTO COUTINHO
(Correio da Manhã)

Código de Minas & Poesia Anterior (Rio, 1969)

sintetizam 20 anos de elaboração consciente e segura de um discurso poético. Partindo do mais fechado intimismo até atingir a expressão mais objetiva, do drama interior aos mitos coletivos da nacionalidade.

FÁBIO LUCAS
(A face visível)

... ele mesmo, um dos inquestionáveis renovadores da poesia brasileira, ao lado de Drummond e Cabral, encontrou no barroco mineiro a fonte dessa renovação da linguagem poética.

FREDERICO MORAIS
(O Globo)

Em sua essência, portanto, a poesia de Affonso Ávila é, no quadro contemporâneo da nossa vida literária, um profundo e digno ato de coragem. Coragem estética e social, coragem criadora.

FRITZ TEIXEIRA DE SALLES
(Jornal de Brasília)

Em *O Visto e o Imaginado* a pesquisa de linguagem se conjuga à verve satírica, o humor à sabedoria tranqüila, a lírica à erótica, a reflexão metafísica à inflexão crítico-ideológica, tudo isso num vôo firme de mestria artesanal e altanaria poética.

HAROLDO DE CAMPOS
(O Visto e o Imaginado)

... o poeta afirma o caminho amplo e central de uma literatura em cujas extremidades laboram certos experimentalismos "vanguardistas" que, hoje, infelizmente têm sido guindados a uma quase "oficialidade literária". Nesta afirmação é que está seu maior sucesso - o que faz de *Código de Minas* a coletânea poética mais rica de sugestões e mais grávida de possibilidades publicada no Brasil

nestes últimos anos.

HEITOR MARTINS
(SL de O Estado de S. Paulo)

Sua poesia é uma insistente reação contra o ambiente dispersivo, a atoarda do século, a angústia cósmica, a marcha acelerada da vida, tudo quanto lhe fere a sensibilidade, já marcada por uma inata inquietude. A palavra, desta forma, é o instrumento propício ao seu próprio equilíbrio interior. Affonso Ávila, como todo verdadeiro poeta, é recriado pela sua mesma expressão.

HENRIQUETA LISBOA
(Letras e Artes)

... em Affonso Ávila, há um realce do denotativo que, sob o ponto de vista de uma representação de princípio de realidade, torna antidiscursivo um léxico que, pelo uso contíguo, sintagmático e discursivo da ideologia, era o próprio reino da discursividade, ao nível de uma função pragmática da língua.

IVANY LESSA BAPTISTA DE OLIVEIRA
(Tese de mestrado da PUC/RJ)

Do pessoal mais moço, os grupos do concretismo e da Práxis e os mineiros Affonso Ávila e Affonso Romano de Sant'Anna são os que sinto mais próximos de mim.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO
(Revista Veja)

A modulação paronomásica e serial dos elementos de um verso-base, técnica que se tornara uma espécie de marca de fábrica da sua oficina poética e que epígonos de menos talento tentaram baldamente imitar, cede agora lugar ao paralelismo do

epigrama de extremada concisão, a explorar hábil e serinamente as virtualidades da frase feita. Com isso demonstra o autor de **delírio dos cinqüent'anos** que a perícia da meia-idade lhe faculta, na vida como na arte, adicionar o seu próprio tempero criativo a quantos novos pratos o seu apetite de homem e de poeta lhe possa sugerir.

JOSÉ PAULO PAES

(Cultura - Suplemento de O Estado de S. Paulo)

Não é mais o "grande indiferente" que sonhou como um ideal para o poeta: "**Sede o espelho, não mais**" (...). Hoje, é o indivíduo sensível, que vê e denuncia, certo de, com sua palavra, ajudar a dinamitar as ilhas da pasmeira, acomodação ou omissão. Acredita no valor da denúncia, da ironia causticante mas libertadora, do protesto mesmo velado, quando não for possível fazê-lo diante de todos.

Pe. LAURO PALÚ

(Revista Vozes)

Affonso Ávila (...) che congiunge como pochi l'impegno ideologico alla ricerca sperimentale.

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO

(La Letteratura brasiliana)

Dai a estranha prática de poemas intimistas ao lado dos "engagés" que se torna freqüente nos dois grandes poetas participantes da atualidade ocidental, Aragon e Neruda. Eles parecem sentir que pelo engajamento poético que representam não podem comunicar a inteireza da sua voz e então se entregam a duas vertentes que só se completam vistas dialeticamente uma em relação à outra.

Parece-me, como Affonso Ávila pode vir a demonstrar, que o desenvolvimento do poema-objeto pode contornar este perigo.

sem que represente uma fuga do poeta perante a realidade.

LUÍZ COSTA LIMA
(Jornal do Comércio - Recife)

na mais nova poesia brasileira, ninguém supera Affonso Ávila na construção do poema satírico.

MÁRIO DA SILVA BRITO
(Conversa vai, conversa vem)

Affonso Ávila constrói uma das mais fascinantes obras poético-literárias de nosso país.

MOACY CIRNE
(Revista Vozes)

Código de Minas & Poesia anterior, livro importante, que nos restitui o itinerário vivo de um poeta participante das experiências literárias e sociais do nosso tempo, mas sem a frieza de certos poetas que confundem arte com indústria.

MURILO MENDES
(SL do Minas Gerais)

Desde o princípio, ele esteve entre aqueles poucos poetas que, sem negar o modernismo de 22, pelo contrário, identificando-lhe os momentos de máxima radicalidade na poesia de Oswald de Andrade, souberam reconhecer o impasse ou crise a que havia chegado a linguagem poética e dispuseram-se a superá-la, mudando o panorama da poesia brasileira das últimas décadas. Ávila tem sido um incansável explorador de recursos. De um volume seu a outro, ocorrem sempre diferenças substanciais. As constantes, além da capacidade proteica de auto-renovação, revelam-se na consciência histórica que não se cansa de investigar sobretudo o passado de sua

Minas natal, a ironização perpétua dos diversos "establishments" e uma aproximação e apropriação da substância das coisas.

NELSON ASCIHER
(Folha de S. Paulo)

Ávila é um poeta seguro (...) num livro *Carta do solo* um tanto insólito no quadro da poesia brasileira atual, mas cujo caráter insólito encerra grandeza e promessa.

NELSON WERNECK SODRÉ
(O Semanário)

Afonso Ávila (...) surge ante nós com um tal domínio sobre as palavras, usando-as com tanto requinte e precisão, bailando tão vertiginosamente à volta da insuspeita riqueza da nossa língua que muitas vezes nos sentimos perturbados.

OCTÁVIO DE FARIA
(Diário de S. Paulo)

Afonso Ávila é um mestre. Em Minas, é o cara que consegue fundir a tradição, a cabeça lá no ano 2 mil. Barroco-ficção científica. Ele mistura futurismo com necrofilia, numa forma única. Ele é dessa geração fantástica que o Brasil produziu neste século. Uma geração que, às vezes, eu me digo que a minha não vai conseguir cobrir essa cartada. Produziu, no cinema, Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha; em matéria de poesia, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Ferreira Gullar, Afonso Ávila, Mário Faustino e Reinaldo Jardim. No jornalismo, Paulo Francis; no humor, Chico Anísio e Millôr. Todo mundo numa faixa dos 50 aos 58. Cara, é uma geração brilhante na cultura brasileira. E sem falar no Darcy Ribeiro, Hélio Oiticica, João Gilberto e Jobim. É a geração que historicamente vai da Constituição de 46, quando acabou a ditadura do Getúlio, até a nova ditadura de 64. A

geração que se produziu na liberdade.

PAULO LEMINSKI
(Poesia livre)

O que ele grava por lirismo ou agarra em grito de denúncia é a sua terra, a mineiridade. Está registrando, portanto, com os olhos e a faca do presente, as câmaras e as camadas do tempo sedimentadas ao longo de um núcleo vivo e altamente definidor do passado nacional.

ROBERTO PONTUAL
("Concreção e vértebra" - Código de Minas & Poesia Anterior)

Affonso Ávila soube encontrar a fórmula para a realização de um poema do mais radical vanguardismo sem deixar de se conservar fiel a uma problemática entranhadamente brasileira e mais circunscritamente mineira.

RUI MOURÃO
(SL de O Estado de S. Paulo)

Fundada sobre um triplice alicerce de lucidez, coerência e originalidade, a obra de Affonso Ávila se destaca como uma das mais poderosas criações da poética brasileira neste século.

Seguindo a trilha dos que buscaram na realidade seu referencial, em nenhum momento Affonso Ávila praticou o lugar-comum, escorregou no banal ou se deixou seduzir pelo canto das sereias do sucesso fácil.

Ao contrário, toda a obra deste grande poeta é uma sucessão de profundos mergulhos nos labirintos multiformes da criatividade, em cada poema propõe um novo caminho e cada livro é mais arrojado que o anterior.

Nada de acomodações ou vacilos. Vivendo sua poesia como risco e como aventura, nenhuma fórmula foi capaz de atar as

mãos do poeta que redescobre, a cada poema, uma nova dimensão do fazer poético, uma nova transa com a linguagem, uma nova iluminação.

Por tudo isso, Affonso Ávila é um poeta difícil. Difícil e necessário. Mais que necessário: essenci

SEBASTIÃO NUNES
(SL do Minas Gerais)

Seus poemas indicam uma abertura progressiva do código, uma erosão do e no solo da linguagem, abrindo, a partir de velhos enunciados, a possibilidade de novos enunciados. Uma viagem na linguagem, viagem semelhante àquela que se anuncia constantemente em Guimarães Rosa.

SILVIANO SANTIAGO
(SL do Minas Gerais)

Poesía humaníssima, de vasto aliento en muchos de sus poemas, siempre rica y propagadora. Significativo exponente de la nueva poesía brasileña, que tanto me interesa.

VICENTE ALEIXANDRE
(Madrid)

Uma poesia inventiva, crítica, onde os recursos expressivos e ideológicos dão a maioridade do poeta, inteiramente livre para criar e experimentar, e conter e espraiar a sua linguagem artística. Em destaque: o poema planificado, o racionalismo na feitura do produto final, a realidade brasileira ao nível da linguagem literária, a invenção vocabular, a expressão nova, num amálgama criativo, numa viagem fascinante pelo reino da poesia nova.

ASSIS BRASIL
(Jornal de Letras)

SOBRE O ENSAIO E A PESQUISA

O crítico, o ensaísta, o pesquisador e o poeta que coabitam em Affonso Ávila se arremeteram para nos dar esse - **O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco**, que se constitui num inestimável trabalho de arqueologia cultural, trazendo-nos textos que comprovam a riqueza e complexidade do movimento barroco em Minas no século XVIII. (...) Tentando uma análise que extrapole os simples conceitos de estilo de época, Affonso Ávila demarcou em seu trabalho as sintonias entre o barroquismo setecentista e a própria poesia de vanguarda no Brasil.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA
(Jornal do Brasil)

No momento em que se divulga em tradução brasileira o grande livro de Germain Bazin sobre a arquitetura religiosa barroca no Brasil, obra indispensável para o conhecimento de nossa arte, é lançado o nº 12 da revista **Barroco**, publicada em Belo Horizonte sob a direção altamente competente de Affonso Ávila, o nosso grande poeta, com a sensibilidade bem aguçada para os vários aspectos do problema, já com livros publicados sobre ele. (...) É realmente um excepcional trabalho, que aumenta consideravelmente a importante contribuição que a revista vem dando ao estudo do Barroco no Brasil.

AFRÂNIO COUTINHO
(Estado de Minas)

Como poeta, Affonso Ávila captou, desde **Carta do Solo** (1961), os símbolos desses contrários, a oposição dos elementos contrastantes que se chocam na linguagem formando os sedimentos e os resíduos da fraseologia de **Código de Minas** (1963), ou os gestos de **Carta sobre a Usura** (1962), que expressam a ruptura histórica da sociedade mineira, após o ciclo do Ouro. Como ensaísta, no livro recém-publicado, com o qual o Centro de Estudos Mineiros aponta

um caminho para a débil e insignificante atividade editorial da maioria das nossas Universidades. o autor se volta para a forma de vida, de onde todos esses sedimentos, símbolos, gestos e resíduos emergiram. Pode-se afirmar, portanto, que o ensaio de Affonso Ávila, tão poético no sentido de ser uma busca das origens, da determinação das matrizes fundadoras da vida social e histórica de Minas Gerais, toma o seu impulso e tem a sua razão de ser nas mesmas fontes que sua poesia vem, desde muito, descobrindo e interpretando.

BENEDITO NUNES
(SL de O Estado de S. Paulo)

Foi precisamente um levantamento deste tipo que numa zona limitada, em Minas Gerais, realizou o poeta Affonso Ávila, produzindo um trabalho de maior importância para se entender como o Barroco Português refloriu no Brasil com um vigor bárbaro novo, e como a "festa barroca" está na base da sensibilidade estética e social do brasileiro de hoje. É um trabalho modelar este de Affonso Ávila na amplitude da concepção sócio-cultural do Barroco e sua constante referência aos prolongamentos até à modernidade (...). Mas não se deve deixar de salientar também o rigor da documentação e do inestimável enriquecimento que é a reprodução fotográfica dos textos literários do Barroco de Minas, que até agora eram tão inacessíveis como os nossos próprios textos Barrocos aqui em Lisboa.

E. M. DE MELO E CASTRO
(Diário de Lisboa)

Com um livro que constitui verdadeiro marco na bibliografia mineira e mineiriana, dentre outros motivos pela apresentação gráfica excepcional, o escritor Affonso Ávila situa-se definitivamente no quadro dos ensaístas brasileiros. Liga, ademais, seu nome a um novo surto de estudos regionais, caracterizado pelo empenho em reinterpretar, à luz de critérios modernos, a realidade social e cultural mineira.

(...) É, pois, como um vínculo que vejo o ensaio de

Affonso Ávila: um vínculo entre os modos de vislumbrar a antiga e a moderna sociedade mineira. Os traços da estrutura emergente são ainda informes e incertos. **Resíduos Seiscentistas** significa, enfim, uma nova visão de Minas. Sem jogo de palavras, diria que é uma visão fundada no passado e nas raízes profundas da região, porém voltada corajosamente para o futuro.

FERNANDO CORREIA DIAS
(A Imagem de Minas)

O século XVIII mineiro é até agora desafio para os estudiosos. Para o seu entendimento requerem-se mais investigações, em extensão e profundidade, bem como a aplicação de técnicas mais sutis de crítica, fugindo ao simples biografismo ou culto ingênuo de admiração. Exemplo raro de estudo pioneiro, do tipo requerido, é o que recentemente publicou Affonso Ávila - **Resíduos seiscentistas em Minas** - admirável como pesquisa e agudeza crítica, bem como pela originalidade. É dessas obras que abrem caminhos, marco de referência na bibliografia mineiriana.

FRANCISCO IGLÉSIAS
(Revista Minas Gerais)

É no contexto dessa luta, como instrumento de conscientização do acervo cuja salvação todos almejamos, que se insere o novo livro de Affonso Ávila, dedicado à procura de uma nova visão do barroco mineiro. A absoluta singularidade do barroco montanhês justifica a ênfase dada ao seu estudo. (...) Livro denso (**O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco**), que busca novo entendimento para o problema do barroco em geral, e em particular, da civilização do ouro.

FRANKLIN DE OLIVEIRA
(Correio da Manhã)

Se não fora a intervenção desobstrutora da poética sincrônica incidindo sobre o legado da historiografia diacrônica da poesia, não teríamos recuperado (...) o Barroco brasileiro, para cuja reavaliação tanto tem contribuído o mineiro Affonso Ávila, um dos mais importantes poetas de minha geração, notável estudioso da poética da "vertigem lúdica", que caracteriza essa fase fundamental, fundante, da formação tanto de nossa literatura, como de nossa arte.

HAROLDO DE CAMPOS
(O Estado de S. Paulo)

Affonso Ávila apresenta agora um dos mais sérios trabalhos jamais feitos sobre nosso passado cultural. (...) Affonso Ávila abre o caminho para o estudo das bases sobre as quais se desenvolveu a mais florescente parte da civilização colonial em língua portuguesa. E descobre, para nossa literatura, três ou quatro nomes que sempre a honraram mas que jaziam no limbo do esquecimento.

Não exageramos ao afirmar que a história da civilização brasileira, no período anterior ao seccionamento dos laços políticos com Portugal, não poderá prescindir do trabalho pioneiro de Affonso Ávila, e que esta sua interpretação da formação cultural mineira, por polêmica e original que seja, deverá formar, a partir de hoje, o esteio básico para qualquer outro estudo do mesmo tipo.

HEITOR MARTINS
(SL do Minas Gerais)

Affonso Ávila, que já tem o seu lugar marcado na moderna poesia brasileira, estreia-se nas letras históricas com um trabalho de deixar "água na boca" de quantos se interessarem pelo levantamento do nosso passado, não só nos seus aspectos episódicos, mas principalmente nas projeções da cultura, das artes e da religião na formação do nosso povo.

O interregno de três anos que data do aparecimento do seu poema-cartaz "Frases-Feitas", aproveitou-o Affonso Ávila, pode-

se dizer de minuto. na confecção deste livro (**Resíduos seiscentistas em Minas**), que, como bom mineiro, põe a serviço da mineiridade.

HÉLIO DAMANTE
(SL de O Estado de S. Paulo)

Como trabalho de erudição, (**Resíduos seiscentistas em Minas**) merece amplos louvores, grande tendo sido o esforço do autor para obter dados esclarecedores quanto aos obscuros colaboradores do **Áureo Trono**, como o **Triunfo**, obra típica do barroquismo do período aurífero mineiro.

HÉLIO VIANNA
(Jornal do Comércio)

Seguramente, temos agora em mãos um guia (**Iniciação ao barroco mineiro**) para orientar essa incursão. Não daqueles "guias" que pululam pelas cidades mineiras, mas um autor que já passou por tudo quanto se escreveu sobre Minas e, por isso mesmo, uma autoridade sobre a mineiridade, como ele próprio é símbolo da intelectualidade mineira, à maneira de Drummond ou Guimarães Rosa. Affonso Ávila é autor de extensa bibliografia, fruto de sua condição de poeta sensível que traduz em palavras o espírito que permeia as alterosas mineiras. Ensaísta e pesquisador que em sua prosa faz imiscuir-se a dimensão poética própria daqueles que militam com entusiasmo a feitura do verso.

(...) A complexidade do mundo barroco ainda está, obviamente, a merecer maiores atenções, somando-se aos esforços materializados. Aos que desejarem se introduzir nesse místico e fascinante mundo, Affonso Ávila nos proporciona as chaves dessa iniciação.

HUGO SEGAWA
(Revista Projeto)

O elemento lúdico do barroco, a preeminência do visual

são características que a arte de nosso tempo recupera. Ávila considera essa relação como vigente não só para o caso da arte contemporânea. (...) Com essas palavras o poeta mineiro atesta a congenialidade do barroco com a arte brasileira: outros a consideram também como característica peculiar da arte de nosso continente. Em seus ensaios Carpentier a qualifica como essencial para entender a arte latino-americana em seus procedimentos.

JORGE QUIROGA
(Alejo Carpentier)

A historiografia religiosa registra **Triunfo Eucharístico** (Lisboa, 1734) de autoria de Simão Ferreira Machado, nascido em Lisboa, residente em Minas Gerais, e o **Aureo Throno Episcopal**, de Francisco Ribeiro da Silva, cônego da Sé de Mariana, ambos recentemente reeditados, em edições primorosas (**Resíduos seiscentistas em Minas**), pela reprodução fac-similar do texto e pelo aparato crítico que as acompanham.

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES
(História da História do Brasil)

Afonso Ávila, o maior especialista brasileiro na temática do Barroco, interpreta neste riquíssimo ensaio (**O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco**) não apenas fenômenos estéticos isolados, mas todo o comportamento vivencial do homem inserido no estágio cultural do barroquismo. Vendo essa situação existencial basicamente como um vertiginoso e gigantesco "ludus", jogo, analisa as projeções do mundo barroco nas Minas Gerais do século XVIII, reinterpretando textos literários e criações plásticas com um instrumento altamente revelador. (...) Precioso e fundamentalmente enriquecedor da cultura brasileira.

NOGUEIRA MOUTINHO
(Folha de S. Paulo)

Probably the major item for this period publ. in 1967 is Affonso Ávila. **Resíduos Seiscentistas em Minas**, 2 vols (...). These beautifully produced vols make available in fac. two rare texts of undoubted importance in the social and intellectual development of Minas Gerais, and therefore of Brazil (...). The critical and bibl. material, and index, are all excellent, while the first part of the work is taken up by an intelligent analysis of the manner in which the 18th-c. Baroque spirit informs the two texts and the **Cartas Chilenas**, showing also how they and the festivities with which they were connected reflect three stages in the development of Minas: material success, intellectual achievement, and decadence.

JOHN M. PARKER

(The Year's Work in Modern Language Studies)

Affonso Ávila acaba de ter novo livro editado.. desta feita pela Vozes: **O poeta e a consciência crítica - uma bíblia literária.**

ALÁRCIO ALMEIDA

(Gazeta de Minas)

Investigador do Barroco, com larga bibliografia sobre o assunto, Affonso Ávila desenvolve no seu ensaio (**O desenvolvimento cíclico do projeto literário brasileiro**) uma, se se quiser, "teoria da unidade do modo de escrita (/leitura) brasileiro", tomando como marcos caracterizadores o Barroco, o Romantismo e o Modernismo. Com a argúcia a que já nos habituou, com a sua conhecida seriedade de argumentação, demonstra, a partir de Gregório de Mattos, a existência de três processos na nossa literatura: o de **apropriação** duma nova realidade sociogeográfica e lingüística (o Barroco); o de **posse**, domínio desta mesma realidade (o Romantismo, sobretudo na forma alencariana), e, finalmente, o processo de **reflexão** sobre realidade "exterior" e linguagem, momento correspondente ao Modernismo. Pleio de sugestões analíticas, o trabalho de Affonso Ávila nos faz pensar em mais uma.

esta no campo da determinação do modo específico da escrita brasileira por estudos comparativos entre escritores portugueses e brasileiros que se reclamam das mesmas preocupações. "inovações" ou "vanguardas" estéticas e/ou filosóficas.

MARIA LÚCIA LEPECKI
(Revista Colóquio-Letras - Lisboa)

Afonso Ávila procurou estabelecer a necessária ligação da contra-reforma e do jesuitismo transplantados para o Brasil com as manifestações de criatividade de nosso barroco, que se centralizou entre o esplendor e a decadência da sociedade de mineração aurífera.
(...)

Seria impossível, em resenha tão breve, referir toda a variada gama de aspectos abordados em **Resíduos Seiscentistas em Minas**. Importante, contudo, é salientar o minucioso cuidado que Afonso Ávila dispensou à sua pesquisa, não a restringindo a uma simples análise de textos e de seus possíveis valores estéticos, mas fazendo sempre questão de propiciar a visão profunda de um período da história brasileira.

ROBERTO PONTUAL
(Correio da Manhã)

O **Aureo Throno Episcopalis** é, como se sabe, obra famosa e forma, com o **Triunfo Eucarístico** de Simão Ferreira Machado, um díptico representativo da cultura barroca mineira. Foi reeditado, em fac-símile, acompanhado de um notável estudo sobre vários aspectos da obra (inclusive biografia dos autores) por Afonso Ávila: **Resíduos seiscentistas em Minas**.

RUBENS BORBA DE MORAES
(Bibliografia Brasileira do Período Colonial)

Exemplo de organização do trabalho intelectual,

Resíduos Seiscentistas em Minas se sustentam na bibliografia mais atualizada sobre assuntos brasileiros e de cultura geral e utilizam modernas técnicas na interpretação dos textos literários. (...) A lucidez do estudioso se completa com a agudeza do historiador social, que sabe ir fundo na análise dos fatos e nunca cede o passo ao mero cronista, ao realizar o levantamento dos aspectos tão facilmente literalizáveis de acontecimentos e circunstâncias ao mesmo tempo bizarras e fantásticas do nosso passado humano-divino. A disciplina do ensaísta é uma constante invariável e o que nos vai sendo revelado são as diversas perspectivas de significação cultural que encadernam os fatos e marcam o conseqüente processo de rotação do estudo, que, partindo da matéria literária, acaba por propor uma interpretação para a sociedade mineira, depois de transitar pelos diversos planos histórico, sociológico e econômico.

RUI MOURÃO

(SL de O Estado de S. Paulo)

Se por acaso os próprios paulistas podiam oferecer ao grupo concreto os elementos primordiais para a segunda maioria (1922), já o grupo **Tendência** entregava-lhe sob a forma de **prêt-à-porter** todos os ingredientes para a primeira maioria (1789), de que seria exemplo expressivo e contundente, alguns anos mais tarde, a obra de Affonso Ávila, **O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco**.

SILVANO SANTIAGO

(Vale Quanto Pesa)

A busca de uma consciência da poesia brasileira como forma de elaboração de uma consciência nacional constitui a razão de ser da série de artigos que Affonso Ávila nos apresenta na segunda edição ampliada de seu livro **O poeta e a consciência crítica**. O autor nos mostra que o poeta, ao atingir uma expressão da realidade histórico-cultural de onde emerge seu gesto criador, está comprometido, no seu próprio fazer, com uma consciência crítica que

é sobretudo a visão de totalidade de sua cultura.

(...) Affonso Ávila quebra, dessa forma, a incômoda dissociação, usual em toda reflexão estética, entre o fazer artístico e a crítica desse fazer. Na sua obra, o poeta é chamado a um compromisso político, a uma consciência de sua realidade cultural, consciência que emerge do seu gesto criador e o insere numa globalidade pela qual cada um de nós está procurando responder à sua maneira.

SÔNIA VIEGAS
(Jornal de Casa)

A literatura denominada "barroca" (e que, com insucesso total, já propus que se voltasse a denominar simplesmente "maneirista") foi, a princípio, desprezada pelos severos críticos como forma inferior de criação intelectual; nos nossos dias, ao contrário, críticos não menos severos procuraram atribuir-lhe significação e mérito muito maiores do que efetivamente possui. Poucos souberam encará-la singelamente pelo que é, quero dizer, documento da vida espiritual, índice de estruturas mentais e chave de compreensão psicológica. Nessas coordenadas, o estudo (**Resíduos seiscentistas em Minas**) do sr. Affonso Ávila, além de definir-se logo como um dos mais importantes do ano, assume função inestimável na estante dos nossos textos literários de base.

WILSON MARTINS
(SL de O Estado de S. Paulo)

The background of the entire page is a marbled paper with a complex, organic pattern of dark, branching veins against a lighter, textured base. The veins resemble natural stone or mineral patterns.

CEL

CENTRO DE
ESTUDOS
LITERÁRIOS

ENCONTRO COM ESCRITORES MINEIROS tem como objetivo sistematizar, através do depoimento de seus mais significativos representantes, o perfil de certa parcela da produção literária brasileira, contribuindo, assim, para a preservação da memória cultural de Minas Gerais.

Cada volume contém o relato da experiência intelectual dos autores escolhidos, o comentário crítico à sua obra, além de rico material iconográfico.